

# OS DOIS MUNDOS

ILLUSTRAÇÃO PARA PORTUGAL E BRAZIL

DIRECTOR E PROPRIETARIO : SALOMÃO SÁRAGGA  
*7, rue du Centre, Paris.*

GERENTE EM PORTUGAL : DAVID CORAZZI  
*42, rua da Atalaia, Lisboa.*

## PREÇOS DA ASSIGNATURA

### PORTUGAL E COLONIAS *(Moeda forte.)*

Semestre ou 6 numeros.	1.500 réis.
Trimestre ou 3 numeros.	800 réis.
Por mez ou numero avulso.	300 réis.

### BRAZIL E AMERICA DO SUL *(Moeda fraca.)*

Semestre ou 6 numeros.	5.000 réis.
Trimestre ou 3 numeros.	3.000 réis.
Por mez ou numero avulso.	1.000 réis.

### FRANÇA E ESTADOS DA UNIÃO GERAL DOS CORREIOS

Semestre ou 6 numeros.	8 francos.
Trimestre ou 3 numeros.	4 fr. 50.
Por mez ou numero avulso.	1 fr. 50.

VOL Iº.

PARIS, 31 DE OUTUBRO DE 1877.

NUMERO 3.



IZABEL MARIA EUGENIA, IMPERATRIZ DA AUSTRIA

## SUMMARIO

## TEXTO

Correio de Paris . . . . .	Guilhermino de Sá.
A Imperatriz da Austria . . . . .	Oliveira Martins.
Alexandre Herculano . . . . .	
As Plantas carnívoras . . . . .	
Um Pic-Nic na Russia . . . . .	
Vidago . . . . .	Julio Cesar Machado.
O Boticario da Idade-Média . . . . .	
A carta do Joáosito . . . . .	Paulo Feval.
A fome na India . . . . .	
A Guerra do Oriente . . . . .	
Revista bibliographica . . . . .	
Variedades . . . . .	João Tedeschi.

## GRAVURAS

A Imperatriz da Austria. — Plantas Carnívoras do jardim botânico de Kew, em Londres. — Um Pic-Nic na Russia. — O Boticario da Idade-Média. — A fome na India. — A Guerra do Oriente.

## CORREIO DE PARIS

Paris é sem duvida a primeira cidade do mundo, não só para o homem que trabalha como também para o que quer matar o tempo, distraindo-se. Como foco de produção intelectual, nenhum outro lhe pôde ser comparado, quer no domínio da arte, quer no das ciências e letras. Nas ciências quando o gênio francês não inventa, assimila o criado pelos sábios das outras nações e dá-lhe fôros de cidade, propagando-o nessa admirável língua chamada francesa, língua precisa, clara, jurídica, universal no mundo do pensamento, única conhecida em todo o orbe intelectual. Se cada língua deve dar a medida do gênio da nação que a criou, esta é, sem duvida, uma das que mais fielmente deixam transparecer os defeitos e qualidades dos espíritos que a produziram.

O trabalho de cada uma das gerações que se sucederam, deixou marcada na língua em que se exprimiu, a feição característica das suas tendências e indole. Assim, sendo os franceses *espirituosos*, bravos, trabalhadores e cortezes, também o idioma que formaram revela essas qualidades, e é por isso mesmo, subtil, energico, cinzelado e polido. Nenhum outro paiz da civilização moderna conta um tão grande numero de artistas de composição litteraria. Nenhum produz com tanta fecundidade primores nas letras. O consumo universal é também um poderoso auxiliar d'essa produção continua. Logo que sae à luz um novo livro, de algum author já celebre no mundo das letras, é imediatamente expedido aos quatro extremos da terra. Conta-se por milhões a exportação annual da livraria francesa. A novidade mais importante este mez foi o primeiro tomo da *História d'um Crime* de Victor Hugo. Em poucos dias vendêram-se mais de cem mil exemplares. Apparecia uma edição de manhã, d'ahi a duas horas estava vendida. Assim, em menos de trez semanas, se esgotaram sessenta edições.

Para os que amam as artes, é Paris uma cidade sem rival. No museu do Louvre encontram-se quadros de todas as escolas, estatuas de todos os mestres, e antiguidades de todas as épocas. No do Luxemburgo estão os quadros dos artistas celebres, cuja morte não data de mais de oito annos. Na ópera francesa, executam-se as melhores produções do repertório parisiense, taes como *A Africana*, *Os Huguenotes*, o *Guilherme Tell*

e muitas outras igualmente celebres. Na ópera comica francesa canta-se *Promeo e Julietta*, *Dinorah*, o *Domínio preto* e mil outras do genero ligeiro. Para óperas francesas ha ainda o theatro lyrico, onde se estreiam os compositores novatos, para d'ahi passarem a ter lugar nas fileiras dos celebres.

Depois ha ainda a ópera italiana, theatro onde tem que vir cantar todo o artista de reputação superior, condição absoluta para que o seu credito seja considerado inabalável. Tudo isto não é suficiente para satisfazer a todos os paladares. Aos domingos ha musica clássica no *Conservatorio*, executada pela primeira orchestra do mundo, segundo o dizer dos entendedores. Concorre n'esses dias a boa sociedade de Paris a outro concerto tambem de musica clássica, dirigido por Pasdeloup. Ainda ha outro igualmente bom, nos mesmos dias, dirigido por Calonne. Não se passa semana que não haja alem d'estes, outros concertos executados por artistas celebres, vindos de propósito a Paris para receberem o diploma que só esta cidade confere. Para este efeito ha a sala Herz e outras appropriadas a estes assumtos, que são compostos quasi exclusivamente de *quatuors* e sólos. Abunda em varios theatros ainda outro genero conhecido de mundo inteiro : a Ópera Buffa e a Operetta de Offenbach, Lecocq, Hervé, Strauss e muitos outros. Ha um certo publico que vai a toda a parte, especialmente ás primeiras representações : é o publico denominado aqui *tout Paris*, publico d'excepção, que não aplaude nem reprova, e que está contente só com o ver coisa nova. Salvo isso, cada genero tem o seu publico especial. Assim, no verão, todos os jardins e parques são concorridos por um grande numero de pessoas, que alli vão recreiar-se ouvindo musica, executada pelas melhores bandas militares, havendo entre elles uma que é composta de verdadeiros professores, a da Guarda Republicana de Paris.

Se todos estes elementos, e outros de cuja enumeração prescindi para não fatigar a atenção do leitor (as Exposições de Bellas Artes, os monumentos e a arquitectura de Paris e arredores), algum visitante não achar bastantes para satisfazer a sua curiosidade artística, tem ainda recurso conforme a sua nacionalidade. Se fôr portuguez é ir a Inglaterra ver o combate dos gallos e o jogo do murro; aos russos aconselho os jogos acrobatas e os cavallinhos, e aos inglezes o irem a Portugal ou Hespanha ver uma corrida de touros.

~~~. O palácio da Exposição já está todo coberto. Só falta concluir o interior. Já começaram a transplantar as arvores para os jardins. Os lagos e a grande cascata também estão muito adiantados. Os pavilhões estrangeiros principiam a surgir do chão. A Inglaterra e a China são as que trabalham mais activas. O Japão, a Italia, a Suecia, a Russia, a Dinamarca e muitas outras nações já meteram mãos á obra. De Portugal não sei nada. Se trabalha é ás escondidas. Para se tirar de aflições, e não ter de arranjar tudo á ultima hora, podia fazer uma coisa, e era, em vez de procurar brilhar apresentando os seus melhores productos agrícolas e fabris, unicamente mandar quatro estatuas. Eu propunha a de Viriato, a de D. Alfonso Henriques, a de D. João de Castro e a de Vasco de Gama. Estas quatro estatuas deviam estar sempre encaixotadas e promptas a marchar. Um simples empregado, não digo bem, um funcionário es-

pecial deveria ser nomeado pelo governo para as acompanhar a todas as exposições, e com antecipação avisar-o. O governo mandaria imediatamente apparellar o melhor navio da esquadra para as transportar com o empregado. Assim de uma hora para a outra estava tudo pronto, e Portugal faria sempre uma brillante figura. Já se vê, que o funcionário que merecesse tamanha honra, deveria ser largamente remunerado, para se poder apresentar dignamente na companhia d'aqueles heróes. Era uma nova comissão. Por esta forma ninguem duvidará que obteríamos sempre uma medalha de progresso. Se a não obtivessemos á primeira, nem á segunda, não desanimando, e proseguindo com tenacidade, d'ahi em diante podia-se contar sempre com a victoria. Esta insistencia em atirar com a heroicidade para a frente, sempre, sempre a mesma, não podia deixar de assombrar os mais indiferentes. A vigessima vez ver-se-hiam obrigadas as nações a inventar uma nova medalha. Uma tal firmeza deveria necessariamente maravilhar-as. A condição essencial é mandarmos sempre os mesmos objectos, sem nenhuma alteração, e para isso cumple reflectir maduramente na escolha, desde o principio. Já agora, e para não ferir susceptibilidades, podia-se-lhes juntar uma celebre colleção de productos coloniaes, que está sempre no Arsenal e que já tem servido para varias exposições. Assim, a exposição seria completa. Estatua de heróes e productos das colonias portuguezas. Mas nada de sair d'ahi. A innovação está nas estatua e na exclusão de tudo o que não seja a colleção dos productos coloniaes, já veterana n'estas festas. Objectar-me-hão que a nossa cortiça, os nossos vinhos e os nossos azeites são dos melhores, que a industria das esteiras é quasi exclusivamente nossa, que fabricamos muito bem azulejos, que aquelle singelo mosaico do Rocio de Lisboa só nós o fazemos, que nenhum outro povo nos excede na arte de bem trabalhar a pedra, e que é muito util provarmos tudo isso aos olhos do mundo. É verdade. Era muito bom darmos todas essas provas, se podesse ser, mas até agora ainda o não conseguimos. Chegamos sempre tarde e fôra de tempo. Por isso, e para evitarmos mais mortificações, faço esta sensatíssima proposta, unica adequada ás nossas circumstancias e temperamento. Alli está tudo : a não dos quintos, as descobertas, a heroicidade, tudo está symbolizado n'aqueles poucos objectos. A rotina não está, mas deprehender-se-ha com facilidade, quando todos virem que não variamos, e que apresentamos ao mundo um exemplo de inalterável tenacidade. Essa estupenda e prodigiosa constância ha de abalar os mais incrédulos.

~~~ Nota-se muitas vezes em Paris, nos *boulevards* mais luxuosos, por entre a multidão de carruagens que cruzam em todos os sentidos, uma carroça de duas rodas, puxada por um cavalo vagaroso. Não só o feitio da carroça é singular, como ainda mais espanta o immenso calor que d'ella se desprende. Exhala um fortissimo cheiro de vapores resinosos, e expelle fumo por uma chaminé que a sobrepõe. É simplesmente uma caldeira ambulante de asfalto, com a sua fornalha e cinzeiro. O desgraçado carroceiro vai guiando o cavalo, sentado quasi em cima dos varas. Se é no inverno, metade do corpo vai exposto ao frio e á neve, e a outra metade ao calor abrazador da caldeira. É uma especie de inferno na Siberia. Os dois

supplicios ao mesmo tempo: uma parte gela, a outra abraza. Custa a crer como haja corpo humano que possa resistir por muito tempo a similhante tortura. Esta carroça para nos sitios onde é esperada por homens empregados em conservar os passeios em bom estado. Estes homens, já antes de chegar a carroça, tem levantado o asfalto velho e gasto que ali estava, para o substituirem por outro novo. Dentro em pouco o passeio apresenta uma physionomia brillante e polida. O novo asfalto pouco tempo fica assim. D'ahi a duas horas é entregue á circulação, e então q misero é espesinhado por todos os vicios e corrupções, por todas as perfidias e indignidades. No fim de tempos, depois de muito calcado pelos pés dos transeuntes, chega-lhe a hora da extrema fadiga, o tédio invade-o, sente exaurirem-se-lhe as forças, e tanta torpeza, tanta miseria, tanta falsidade lhe tem passado por cima, que não pôde resistir mais. Pede que o purifiquem na caldeira, e para que lhe accudam, fende-se, greta-se, clama por socorro. O fogo purifica-o, depois volta, e assim anda sempre. Aquella carroça tambem não pára. É o symbolo da Nova Babilonia — é o purgatorio do asfalto de Paris.

GUILHERMINO DE SÁ.

### A IMPERATRIZ DA AUSTRIA

Izabel Maria Eugenia, Imperatriz da Austria e Rainha da Hungria, é filha do Duque Maximiliano da Baviera. Nasceu em Possenhoven a 24 de dezembro de 1837. Era considerada uma das mais bellas princezas da Europa, quando em 1854 se uniu em casamento ao Imperador Francisco José Iº. D'este matrimonio houve trez filhos. A filha mais velha, a Archi-Duqueza Gisele, é casada com o principe Leopoldo, herdeiro presumptivo do throno da Baviera. Assim a Imperatriz era avó antes de chegar aos trinta e sete annos de idade. O Archi-Duque Rudolpho, successor provavel da casa de Hapsburgo, nasceu em 1858. A Archi-duqueza Valéria nasceu em Buda-Pesth a 22 d'abril de 1868.

A Imperatriz é muito popular e amada no seu paiz. Une á formosura, dignidade e graciosas maneiras, uma grande suavidade de carácter e uma extrema bondade.

Dizem que a vida do campo se harmonisa perfeitamente com as suas inclinações, a ponto de realizar o bem conhecido dictado: « Deus fez o campo, e o homem a cidade. » Este anno deve passar o inverno em Northampton, onde mandou alugar uma propriedade, na qual tencionava andar á caça com a sua irmã, a ex-rainha de Napoles.

O sitio da sua predilecção é o castello de Godolo ao pé de Pesth, propriedade com que o hungaros a presentearam, segundo o costume dos antigos magyares, em 1867, quando foi acclamada Rainha da Hungria. A Imperatriz gosta muito de montar a cavalo, e é sem duvida a mais corajosa e elegante cavalleira que se pôde imaginar. Anda ás vezes quatro horas consecutivas, nas vizinhanças de Godolo, a cavalo n'um dos seus corceis favoritos, apenas acompanhada por dois lindos animaes da raça canina.

### ALEXANDRE HERCULANO

Sobre essa campa cerrada hontem e perante a imagem do mestre e do amigo, ainda presente áquelles em cuja alma a saudade reage contra a Morte, e mantem vivo em espirito o que já não pertence senão ao mundo do espirito, nós, que no seu commercio aprendemos a venerar-o e a amar-o, ainda hoje vimos render-lhe preito, ao pegar da penna para esboçar a physionomia moral d'esse verdadeiro heróe, que sem vencer nas batalhas nem governar as nações, o foi com aquella intiereza nobre, com aquella energia de alma que as opiniões systematicas e as idéas adquiridas pela meditação vinham fortalecer e corroborar. O seu heroísmo não era o da accão, era o do carácter; a sua grandeza não era épica, era moral; e o mundo interior que habitava, afastando-o do mundo que todos habitam, era aquelle ainda hoje povoado pelas sombras antigas dos Zenon e dos Callisthenes. Stoico é o nome que melhor lhe convém.

Não chegam as forças do que escreve estas linhas, nem cabe dentro do numero d'ellas, retratar de pé na sua grandiosa estatura natural o homem, o escriptor, o poeta, o philosopho e o publicista; menos ainda contar-lhe a vida que teve, nem a tormentosa vida que a sociedade onde existio levou primeiro, para cair mais tarde n'um torpor de indifferença e tédio, n'uma desordem cega e mansa, escuro pégo em cujas aguas veio a afogar-se tanto o nosso brio, que nem a sua morte pôde accordal-o. A cova do cemiterio da aldêa onde quasi só baixou o cadaver, é mais nobre do que o profundo fosso de insensibilidade onde se sepultou a memoria do homem. Os camponezes arrancavam das oliveiras de Valle-de-Lobos tristes ramos d'essas arvores melancolicas em memoria do que vivera como par entre elles: sejam tambem estas palavras um ramo de saudades deposito por mão amiga sobre a pedra do seu sepulchro...

Não é este o lugar, nem o calor das cinzas permite que se pague ainda a Alexandre Herculano a divida sagrada de que são crêdores todos os grandes homens. Não é levantando-lhes estatuas, que na sua mudez de symbolos, o povo não pôde decifrar, que se consagra a grandeza de certos homens; não é d'essa forma que a sua fecunda accão se protrae no tempo como licção e exemplo aos vindouros. Escrever-lhes a vida, dizer o que fôram, o que pensaram e fizeram no meio das condições da idade onde viviram; é esse o verdadeiro monumento que as nações devem aos seus filhos illustres como retribuição, e ao seu porvir como elemento de progresso. As vidas dos grandes homens são o tesouro das nações. Que se ergam estatuas aos que fascinaram o povo revolté, aos audaciosos que levantados pela onda das revoluções ou pelo clamor confuso das batalhas dominaram pela força inconsciente, concebe-se, porque os symbolos são a expressão adequada a essa força. A estatua do sabio e do philosopho cinzela-a a penna, e o livro é o seu marmore: tem a eloquencia propria da palavra humana.

Essa eloquencia exprime a Verdade que o marmore ou o bronze na sua mudez occultam. Dentro do vulto que se ergue sobre os pedestais nas praças publicas, ou sobre os altares nos templos, põe o povo as crenças e os sentimen-

tos proprios, não os que fôram do homem exaltado. Alexandre Herculano morreu hontem e hoje correm já a seu respeito as mais extravagantes opiniões. Era um impio e um ateu, dizem uns. Foi um republicano e um democraata, accadem outros. Morreu martyr, dizem d'aqui. Impenitente, acabou afogado em orgulho, respondem de acolá. Um grande historiador, é uma formula consagrada; um grande cidadão, é outra.

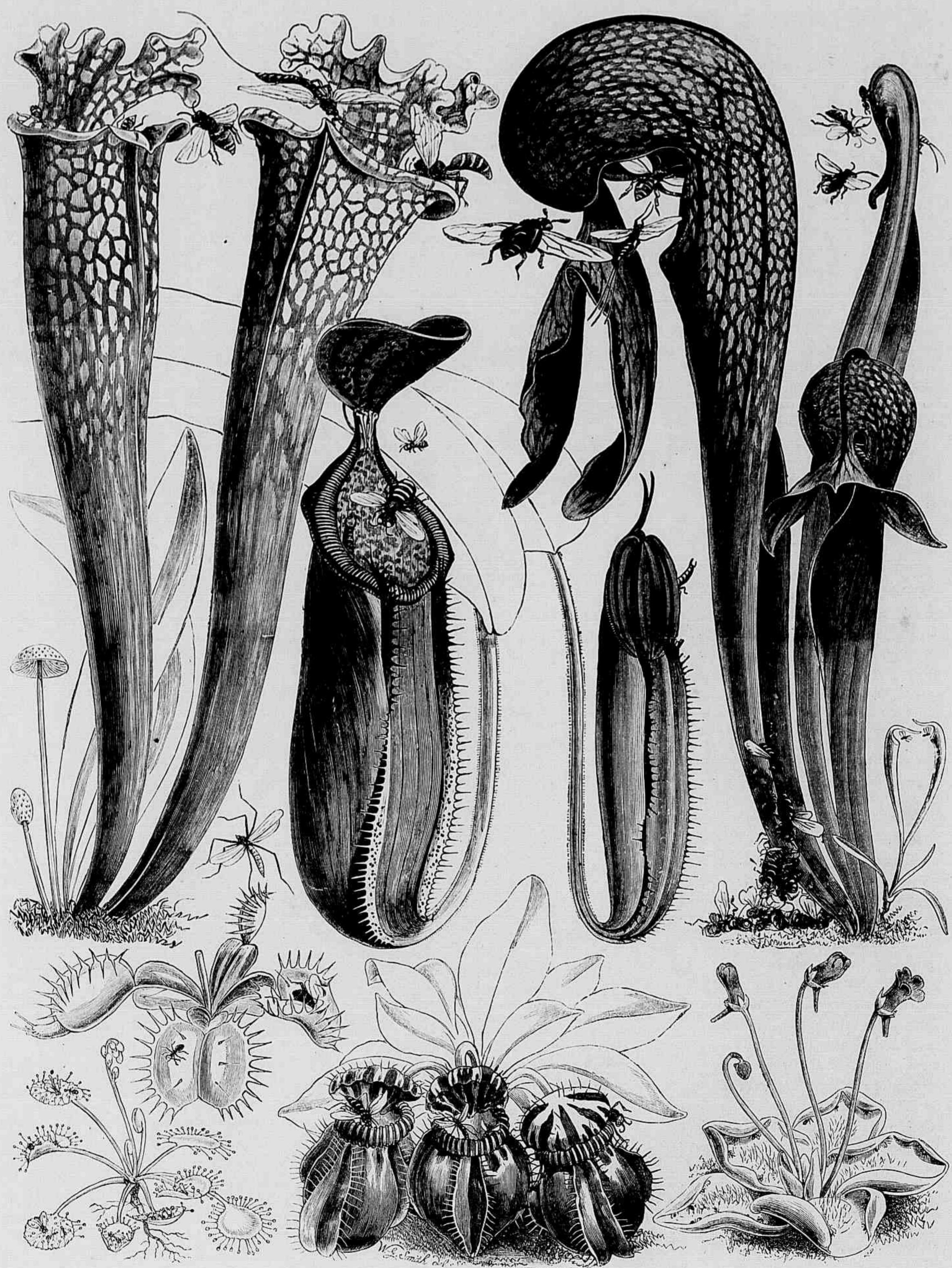
E este conflito de opiniões, esta desordem do pensamento retrata a primor a desordem e a anarchia da nossa vida intellectual, que nem sobre um homem eminent, sobre o mais illustre dos modernos escriptores, consegue formular o que em toda a parte ha formulado para os homens celebres pelo pensamento e pelas letras: uma opinião collectiva.

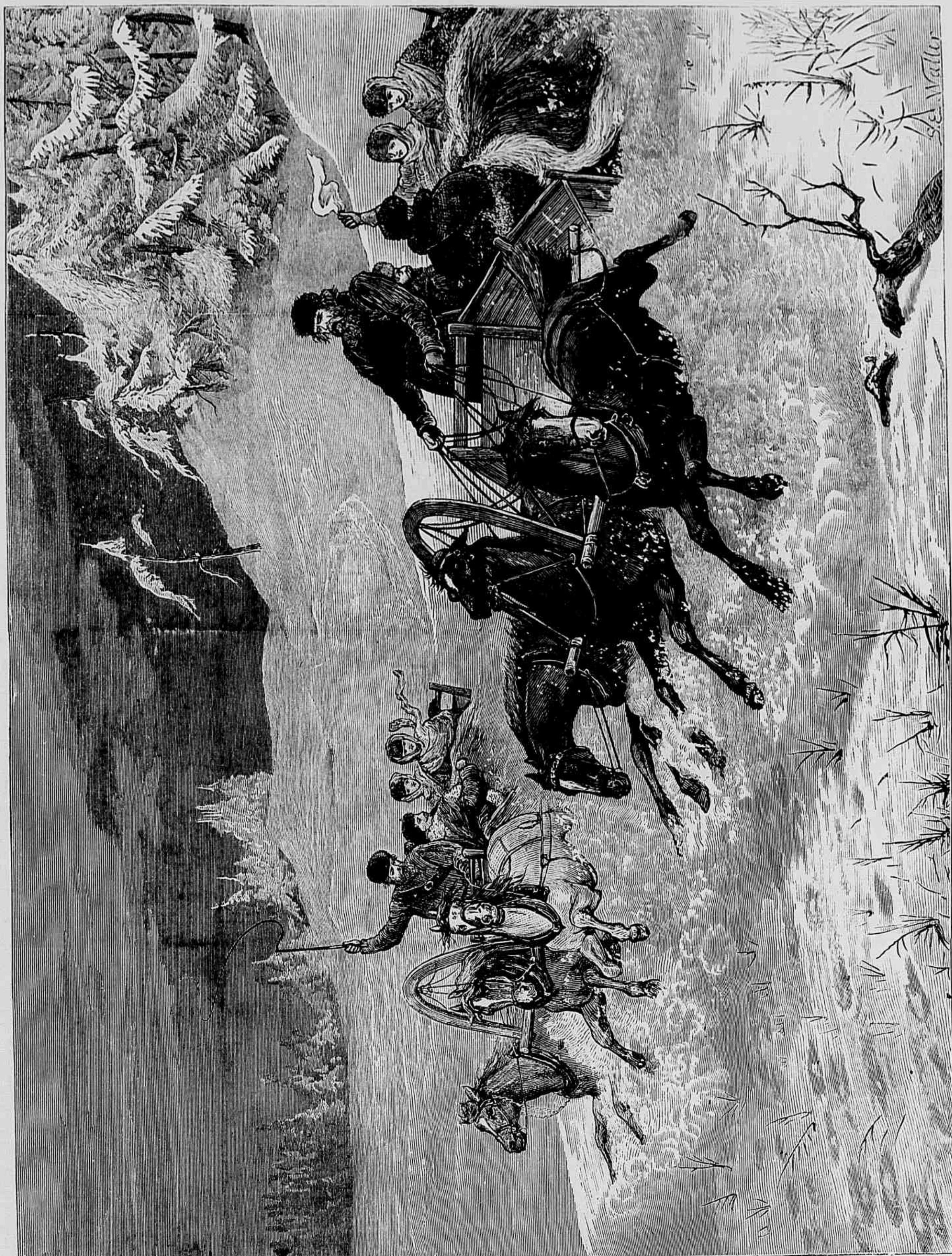
As curtas linhas que vão seguir-se teem a temeraria intenção de fixar os traços geraes da physionomia do homem que Portugal acaba de perder. Por entre as amarguras da saudade é um lenitivo o accordar para a vida uma imagem querida; é como que tê-la presente ainda em espirito ao transmittir-a do pensamento para a palavra. Aquelle que em vida soube pôr a alma das penas, dos sofrimentos, das alegrias e das paixões a clara disciplina da Verdade austera, qual a via no fundo d'um pensamento recto, é esse quem me ordena que dominando o coração me affaste da elegia, inocente tributo dos simples, da apotheose, gasta moeda dos fracos, da invectiva, duro recurso dos cégos.

O melhor titulo de gloria de Alexandre Herculano é o carácter. Esta vaga expressão, dentro da qual cada um põe a formula propria do seu modo de pensar, tem aqui o valor que lhe deram na Antiguidade os stoicos. Não é a intemperata vida, não é o desprezo dos bens mundanos, o odio á ostentação vã, a recusa desabrida de titulos, de honras, de lugares, que a meu ver constituem o carácter, nem são esses symptomas exteriores com que elle se apresentou em Herculano, aquillo em que consiste o traço essencial da sua physionomia. O modo porque o carácter apparecia na pessoa de Herculano, austero e duro, provém do temperamento intollerante e affirmativo com que a natureza o dotara.

O traço fundamental d'essa physionomia está no sentimento de que o individuo é em si um todo indiviso e completo, de que o homem é a unica verdadeira realidade no mundo dos phenomenos, de que a razão é a fonte exclusiva do conhecimento, a consciencia a origem de toda a moral, a liberdade o principio da existencia dos seres. D'este modo de ver as coisas nasce aquillo a que podemos chamar o orgulho transcendent, sentimento que os stoicos disseram carácter, quando essa forma de pensamento pela primeira vez appareceu systematisada em doutrina.

Tal era a physionomia de Herculano; assim nascera, vasado n'um só jacto, intiero, rijo, áspero e forte; assim viveu como o carvalho que ao longe se destaca isolado e grande sobre a charneca de urzes, cortando o fundo azul do céo com os duros contornos da ossadura vetusta, pobre de ramos, nua de folhas, por isso impávida e indifferente ás rajadas do vento e ao fuzilar dos raios. Forte no seu isolamento, o stoico desafia os temporaes da terra; só, e erguido no pedestal onde o coloca o pensamento, como que não pertence á terra onde





habita, nem a comprehende, nem vive com ella, nem a ama, nem a respeita, nem a desculpa em suas fraquezas, porque ao medir os homens e as coisas pela bitola da razão pura, coisas e homens lhe aparecem, indignos, feios e maus.

Se na mocidade, enquanto as illusões d'ella o embriagavam, Herculano entrou na batalha da vida, como soldado e como político, esperando chegar a ver realizadas as normas esboçadas em seu espírito, esse entusiasmo cai logo que se apagaram os fogos da guerra; esse ardor visionário, com que escreveu a *Voz do Profeta* desmaiou; e entregue às letras pensou fundar com a pena o que as armas e a política não tinham podido levar a cabo. A essa illusão da segunda idade respondeu o córo dos preconceitos feridos, da mesma forma que à illusão da primeira tinha respondido o córo ignobil dos saltimbancos da política. Em 1851 pensou trazer para o governo da nação os princípios que expôs na sua carta aos eleitores de Cintra, e teve de fugir corido de vergonha e tédio perante uma corrupção que se lhe figurava excepcional e única. Encontrando em frente da sua opinião ingenua o mundo e os homens, mistura de luz e sombras, todas as vezes que tentando sair do seu mundo interior, investia na batalha, parava subito como pára o touro quando dá de frente com a barreira. Mundo e homens eram com efeito para elle uma desconhecida barreira e incompreensível.

A nobreza e a ideal rectidão do seu espírito tinham na sua profundidade o motivo de uma cegueira ingenua para tudo o que como real era impuro, como mundano fraco, como humano contraditorio. O político, limitado em vistas, mais habil do que forte, agita-se no seio d'esses homens, dentro d'esse mundo de que se não ergue e que o absorve; o santo tem o dom da força e da piedade, tem a coragem que não dobra e a compaixão que não abranda; tem o entusiasmo que o move e a caridade que lhe explica e lhe faz compreender as fraquezas humanas e as misérias do mundo; combate sem recuar, levando nos lábios a palavra de uncção e o sorriso de uma ironia que é ao mesmo tempo cauterio e balsamo; — o stoico, ferido, pára; perseguido, recua; e quando as feridas, as perseguições, os ataques e os ultrages são profundos e agudos como os que expulsaram da política e das letras Alexandre Herculano, o stoico repetindo a histórica phrase de Scipião africano, suicida-se.

Não o mata o scepticismo, mata-o o excesso de uma fé imperfeita; não descreve, e é por cada vez mais acreditar em si que foge a um mundo rebelde a ouvir a verdade. A morte não é pois um acto de desespero é um acto de fé. Só a diferença dos tempos fez que no suicídio de Herculano não entrasse o ferro como entrou nos suicídios stoicos da Antiquidade. A vida assim coroada, o homem assim transfigurado n'um tipo, e a sua palavra e o seu exemplo n'um protesto superior ao mundo e às suas fraquezas, ficam aureolados com o forte clarão dos heróes, lume que aos navegantes, errando no mar escuro da vida, guia a derrota e indica o porto.

Erro é pois dizer que Herculano morreu martyr, porque o martyrio é a morte involuntária d'um santo; erro é também supô-lo abandonado sob a asphixia d'um orgulho peccador, porque o orgulho do stoico é uma virtude; e se em nome d'esse orgulho o homem se con-

demna a um suicídio moral, como se condenou Herculano, esse acto, se não é santo, é heroico, pois afirma energicamente a independência, a liberdade, o mérito absoluto da consciência humana.

Herculano apareceu no mundo quando vinha por toda a parte a reacção do espírito subjetivo, pregada por Kant, e o racionalismo Kantista foi o molde crítico onde se lhe formaram em sistema as tendências naturaes do temperamento, e o fundamento onde assentou a sua teoria individualista: outra forma da reacção que vingava também na Europa sobre as ruinas da idéa de Razão d'Estado desacreditada pela revolução francesa e pelo imperio de Napoleão.

Pertence já ao domínio da história essa éra, tão proxima de nós no tempo, mas tão distante nos caracteres, tal é a rapidez progressiva com que o espírito humano vai galgando as successivas estações da sua existência! O racionalismo Kantista como definição metaphysica, o individualismo como fundamento do direito publico, o livre-cambio como doutrina de constituição social, eis ali os trez momentos da doutrina que na sua pureza formava a structura do espírito d'essa gloriosa geração, que teve para nós em Herculano o unico homem digno de a representar e capaz de lhe medir o inteiro alcance, social, político e económico. Se o carácter é a causa do extraordinário valor moral do individuo, esta superioridade intelectual, esta preeminência de lugar entre os homens da sua geração, é por outro lado o motivo do incontestável direito com que o tempo virá a consolidar todos os dias a excepcional reputação adquirida.

Quando dizemos Kantismo, individualismo e livre-cambio indicamos assaz a physionomia doutrinal do homem, para todos os que conhecem suficientemente a história das idéas no século XIX; escasseia-nos o espaço para entrar em desenvolvimentos que, limitados, seriam ociosos para uns, perdidos para outros.

Entretanto essa fórmula, com que exprimimos o fundo do carácter do pensador, não basta para nos explicar as origens das suas doutrinas, das suas crenças, das suas tendências como philosopho, como jurisconsulto, como publicista. O desenvolvimento lógico da fórmula individualista teria levado Herculano a um atomismo social e político, similar ao dos radicais republicanos, e às derradeiras e absurdas consequências do livre-cambio económico. Ora, não foi isso o que se deu. O seu espírito reagia contra essas conclusões extremas: reacção característica, cujas causas só poderão ser bem determinadas pelo estudo pausado das suas obras e a observação minuciosa da sua biographia. Mas isto mesmo está provando que as idéas não tinham para o genio de Herculano unicamente um valor abstracto: eram o corpo do seu corpo, a carne da sua carne; viviam com elle, e n'ellas punha o ardor e a vida intensa do seu carácter e da sua fé. Evidentemente forte, era ao mesmo tempo positivo, e nada valia para elle que não representasse uma realidade práctica na esfera da consciência e da moral ou na esfera do direito e da economia. Não se lhe abriram jamais as portas do mundo da transcendência. E só alem d'ellas poderia encontrar a solução d'esses conflitos, cuja existência é a

melhor prova de quanto o seu espírito era vivo, humano, e adverso ao seco formalismo doutrinário.

Seguindo as pisadas do Mestre, a religião de Herculano era tal como Kant a fundou com a Razão Practica. Porém, o mecanismo d'esse frio Deus não bastava ao seu temperamento peninsular. A imaginação do meridional exigia a pompa e o esplendor do catholicismo. O protestantismo, alvo de suas acerbas satyras, não satisfazia a sua alma nem lhe dava o amor, a intimidade, a communhão piedosa que eram para elle inseparáveis da religião. Pouco propenso, porém, ao mysticismo, via n'ella antes de tudo, uma instituição e uma disciplina: modo de ver incompleto, que o levava a desconhecer em grande parte o valor e alcance da história do catholicismo. Roma e a política ultramontana — n'isto se resumia para elle, de certa época em diante aquella magestosa história. Por este lado, o seu pensamento, aliás tão grave approxima-se mais do espírito superficial e em demasia negativo do século XVIII, do que do genio plácido e comprehensivo do século em que vivemos. Para elle a questão religiosa era sobre tudo uma questão de datas e de leis. Marcava a éra em que a Igreja começava a mentir ao seu papel, e aos que lhe fallavam em nome do Espírito respondia com a Historia. Tinha ódio ao Papado e a paixão do sectário, quando se erguia contra os desvios contemporâneos, cegava-o até ao ponto de desconhecer o passado e de aplicar as fórmulas da nossa era a todas as idades. Assim, para elle a solução da questão religiosa estava no regresso ao puro espírito do Christianismo, que definia mais como canonista do que como philosopho. Punha Doellinger muito acima de Luther; Hegel, Feuerbach ou Strauss mereciam-lhe apenas um sorriso desdenhoso.

Esta maneira evidentemente incompleta de compreender a religião levava-o a considerá-la, por um lado, como coisa puramente individual, e n'este sentido appoiava a celebre fórmula « a Igreja livre no Estado livre »; enquanto por outro, olhando-a como instituição positiva, a julgava simples matéria administrativa; e o publicista liberal, assustado pela força da Reacção, cujo verdadeiro carácter desconhecia, erguia-se para debellar com as leis o que só a pregação moral pôde encaminhar e dirigir, jamais vencer: a irresistível tendência do Espírito para afirmar a sua unidade no seio da religião.

A liberdade, que para elle resumia a definição total do espírito humano, era afinal a sua única, a sua verdadeira religião. É essa a religião do stoico, e o Deus da *Harpa do Crente* é ainda o ser eminentemente livre que por um acto creou tudo o que existe. O Deus do stoico, é a divinização do stoicismo.

Essa liberdade e o individuo, concreta expressão d'ella, eram para Herculano o princípio e o fim de todas as coisas. Mas a lição dos historiadores, de um lado, e do outro a reacção do sentimento da realidade provocavam no espírito do pensador um desvio que — prova da sua superioridade — o não deixava resvalar no plano inclinado das deduções da lógica, nem chegar ao radicalismo político. Assim era, que o seu espírito aberto a todas as questões de direito publico, crendo no sistema representativo, não podia admittir o regimen das maiores: que seja a oppressão de muitos ou de um

só, é sempre a tyrannia, é sempre uma coisa abominável, dizia. Não partia, porém, d'aqui para a chimera do governo directo, e desprezava a democracia, medindo-a pelas feições das antigas republicas, onde ao governo das multidões se sucedeu sempre o governo dos Cesares. Como que pressentia uma nova direcção, um novo criterio, mais profundo e comprehensivo, para as questões politicas e sociaes. Entrevia já no Estado um organismo, quando embriagado pela Historia, procurava na restauração do municipalismo a solução das crises politicas; entrevia já o carácter socialista dos problemas contemporaneos, quando antepunha a todas as questões de direito publico as questões da economia.

Era o pressentimento d'uma ordem nova de soluções, mas era só o pressentimento, e não podia ser d'outro modo. Homem da tradição, o principio federativo tinha para elle ainda a fórmula de uma restauração historica, quando o reduzia ás proporções de uma simples descentralização administrativa; e ao mesmo tempo que pregava a necessidade de reformar a legislação, no sentido de promover a pulverisação da riqueza, a sua doutrina economica continuava a ser a de Bastiat, a orthodoxia livre-cambista.

Notando estas contradições, estamos tão longe de ver n'ellas máculas ou defeitos, que pelo contrario as consideramos como a melhor prova da superioridade de Herculano no meio da geração sua contemporanea. Lastimámos aquelles que não comprehenderem, que, em certa ordem de assumtos, ha contradições que se approximam infinitamente mais da verdade do que as deduções rectilineas d'uma logica cega. As de Herculano eram d'essa natureza: e, repetimos, são elles que aos nossos olhos testemunham, acima de tudo, o alto valor do seu pensamento. Homem do seu tempo, liberal e individualista, em vez de se deixar arrastar pela logica até ás consequencias extremas do sistema, Herculano corrigia a errada applicação que a escola fez do liberalismo, parando a tempo no limite em que essa applicação ia de encontro ao seu senso pratico e ao seu senso moral. E n'elle o senso pratico era tão profundo quanto era alto o senso moral. A sua forte educação historica dera-lhe aquelle sentimento da realidade de que, nas coisas sociaes, vale incomparavelmente mais do que todos os systemas: a energia humana do seu carácter desenvolvêra no seu espirito um outro criterio igualmente precioso, o sentimento moral. D'aqui as contradições que notámos. E foi justamente por essas admiraveis contradições que elle pôde exceder-se a si e ao seu tempo.

Herculano foi um grande escriptor e um eminente homem de letras, no sentido mais sério d'esta expressão: entretanto, ninguem menos do que elle teve o temperamento do *litterato*. O seu estylo é energico, correcto e vivo, não à força de artificio, mas simplesmente porque eram aquellas as qualidades do seu pensamento. Era pensador e crente, não artista e *dilettante*. O universo, a historia, a sociedade, não se lhe apresentavam como assumpto de estudos subtils e curiosos, de observações finas ou profundas, de quadros brilhantes, vivos e commoventes, mas como objecto de affirmações ou negações inspiradas pela convicção. Nos seus livros pôde seguir-se ao mesmo tempo o desenvolvimento do seu pensamento e a historia da sua consciencia. São o retrato da alma do author, ora

apaixonada ora melancolica, ora sombria, mas sempre convicta, franca e energica.

As *Poesias* e o *Eurico* revelam-nos o crente na providente liberdade de um poderoso e justo Deus, a alma rijamente temperada contra o fúnesto acaso, o coração aberto ás emoções da natureza, que se imprimem no homem com o carácter de uma fatalidade cruel e de um cego desabrimento. Deus, a Natureza e o Homem são personagens de uma tragedia que tem a tempestade rouca por musicas e por fundos o céo pardo e os bulcões de opacas nuvens.

Vem depois as obras polemicas, vasta e riquissima collecção que dirá ao futuro a multiforme actividade d'esse pensamento. A começar pela *Voz do Propheta*, cujo tom declamatorio Herculano era hoje o primeiro a condemnar, vemos o liberal e o doutrinario fulminar a revolução democratica de 46, e temos a profissão de fé do partidario. A *Propriedade Litteraria*, onde se diria que Herculano plagiou Proudhon, se o seu livro não fosse de muitos annos anterior ao do celebre socialista francez, encerra uma theoria de propriedade que é a refutação do livre-cambismo. Nos *Estudos sobre o Casamento Civil* e na *Reacção Ultramontana* vê-se a confirmação do que dissémos sobre as opiniões religios-historicas de Herculano. O *Panorama* contem abundante copia de estudos seus e a idéa da publicação manifesta o sério interesse pela vulgarisação do saber. A *Carta aos Eleitores de Cintra* expõe as suas opiniões administrativas; e ainda ha pouco as cartas sobre a Emigração, defendendo a sorte das populações rurales, que amava como se amava aquelles com quem diariamente se vive, vieram provar que as questões sociaes mantinham sempre inquieto e vivo aquelle espirito, a quem a vergonhosa historia contada na *Carta á Academia das Sciencias* obrigou, por deshonra d'esta terra, a quebrar a pena que escrevia a *Historia de Portugal*.

Esse livro e os que a elle se prendem como satellites (*Historia do Estabelecimento da Inquisição*, a polemica sobre o milagre de Ourique; o opusculo *Do estado das Classes Servas*; a edição da *Chronica de Dom João III*; e a dos *Portugalliae Monumenta Historica*) são o trabalho mais importante do escriptor, e o sólido fundamento do seu immorredouro nome na historia litteraria portugueza. Reunindo a um vasto e forte saber geral a paciencia do erudito e o escrupulo do critico, esses trabalhos, se não constituem nem podem constituir uma historia nacional, fizeram com que os problemas das origens sociaes e politicas da nação portugueza fossem por uma vez resolvidos. A historiographia peninsular conta em Herculano o seu mais illustre nome; um nome que figurará ao lado do de Guizot, de quem tinha os golpes de vista comprehensivos, e do de Thierry a quem acompanhava na facultade de representar vivas em seus habitos, costumes e leis (senão em sua alma, como um Michelet) as passadas gerações: avantajando-se a ambos na coragem com que arcou com o trabalho improbo de colligir, coordenar, traduzir, interpretar os monumentos historicos de uma nação, que não tivera beneditinos a desbravar o campo da diplomática e da chronologia. Robinson de nova especie, Herculano achou-se n'um paiz deserto e teve de fabricar primeiro a ferramenta, antes de poder pôr mãos á obra.

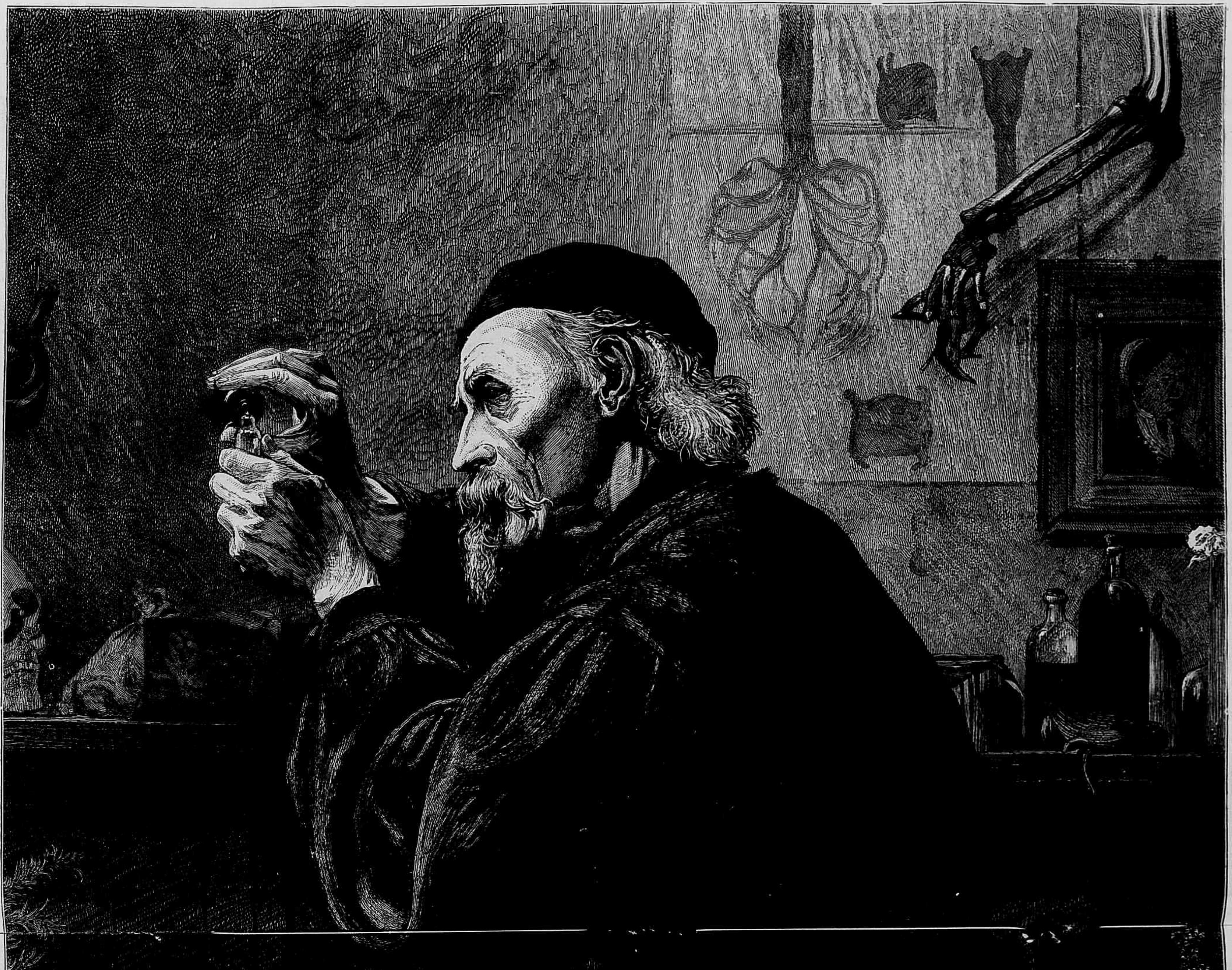
Prodigo de trabalho, de saber, de paciencia e de talento, a *Historia de Portugal* é um brazão:

entretanto, — devemos dizer-l-o, para sermos completamente justos — uma coisa lhe falta para poder ser considerada um monumento culminante do pensamento humano, e para que a critica possa conferir ao seu author, em toda a força da expressão, o titulo de grande historiador: falta-lhe aquella alta e serena imparcialidade, aquelle ponto de vista rigorosamente objectivo, aquella isenção quasi impassivel dos *parti-pris* de escola, de sistema, de partido, sem a qual a historia deixa de ser o tribunal supremo da humanidade. Herculano era muito convicto e apaixonado para poder prescindir de si, das suas opiniões, das suas crenças. Levava para o estudo do passado as preocupações do presente, porque essas preocupações eram o alimento continuo da sua vida moral. O ardente liberal de 1830, o soldado da Carta, infatuado pelas suas theorias constitucionaes e municipalistas, tinha de condemnar *in limine* a centralisação monarchica dos séculos XVI e XVII, condição indiscutivelmente necessaria da conclusão da Idade-Média, e preparação secunda dos tempos modernos. A historia portugueza, no curto periodo que abraçam os volumes publicados, aparece como um encadeamento de factos, uma successão de homens que saem destacados e desligados da historia das instituições tão brillantemente estudada, com tão grande critica desenvolvida, sem que os homens se prendam ás instituições, sem que se perceba o nexo entre a historia politica e a social. A acção dos elementos moraes é avaliada á luz da doutrina de combate do século XIX, e na apreciação das lendas, na avaliação da acção do clero, o historiador ou prescinde de profundar as questões religiosas, ou cede a palavra ao sectario, que nos bispos e em Roma, não vê outra causa mais do que sacerdotes da astucia e uma Babylonia de pervertidos.

\* \* \*

O clero pagou-lhe em odio o odio com que era accusado. A conjuração das sotainas venceu, por isso que não tinha diante de si por inimigo mais do que um stoico. Herculano abdicou e homisou-se. A determinação violenta que tomou não lhe approvará de certo a historia, embora a critica veja e diga como era natural e necessaria consequencia do carácter do homem. Uma tão completa abstenção é um suicídio; e os deveres do cidadão para com a patria, do homem para com a humanidade são tanto maiores, quanto maior é a extensão do genio que Deus lhe confiou como deposito sagrado.

Durante o intervallo que medeio entre a era da sua abdicação e a da sua morte, o espirito europeu, saindo da estreita vereda do subjectivismo, retemperou-se na antiga e viva tradição da Natureza, alargou-se pela esphera do pensamento objectivo: o antigo stoico, o Kantista de 1830, com as suas ideias exclusivas, com o seu racionalismo frio, com o seu mechanico Deus e a sua dogmatica liberdade, era um homem que não podia servir já de modelo e exemplo para educação dos homens novos. Nem o vivo e intimo conhecimento da natureza, qual sae da moderna sciencia, nem o sentimento ideal do Universo conquistado pela philosophia alemã, — pontos de vista até agora oppostos, mas que o tempo aproxima todos os dias e virá a combinar afinal — nenhuma das acquisições fecundas do espirito humano nos ultimos quarenta annos, poderam destruir no pensamento





O BOTICARIO DA IDADE-MÉDIA

QUADRO DE H. I. MARKS

de Herculano o systema das suas antigas idéas. E quando reconhecia o mediocre respeito dos homens novos por essa religião da liberdade que fôra a sua, quando via as tendencias centralistas e socialistas dominarem nos governos e nas oposições, nos partidos conservadores e nos revolucionarios, chorava, outro Isaias, sobre as ruinas do templo abatido, incapaz de comprehender que as pedras d'esse edifício derrubado ja começavam a levantar um novo e mais bello monumento.

Antes de Herculano morrer já o seu nome pertencia á historia.

É o ultimo dos trez homens illustres que marcam a idade nova do pensamento portuguez, é o maior d'elles e o que mais accentuadamente possuia a physionomia nacional. Castilho era um poeta antigo, Garrett era um escriptor moderno: nenhum d'elles possue distintamente, proeminentemente o *goût de terroir*, o ar nacional que achamos no genio, na pessoa e nas obras de Herculano. Castilho habitava n'uma Tibur, Garrett dava-se bem com o luxo cosmopolita; a casa de Herculano era uma casa de lavrador, simples, farta, nua de ornatos, despida de conchesgos; e ao vê-lo na cidade trajando descuidadamente caminhar com o seu passo regular e concentrado; ao ouvir a sua palavra chã, rude e grosseira ás vezes, e o seu riso franco; ao observar a ingenuidade quasi infantil do homem justo e simples, qualquer de nós pensava ter diante de si um exemplar ainda vivo do portuguez do principio do século, isento de modernismos. No campo, vestido á lavradora de brim cru ou de briche no inverno, com os seus grossos sapatos e o chapéu á serrana, todos o tomariam por um proprietario de aldêa, especialmente se o ouvissem dissertar com vivo interesse e cabal conhecimento das coisas agricolas, e não com o interesse do amador, do naturalista ou do agronomo, senão com o interesse interessado do camponez.

\* \* \*

Esse tumulo agora cerrado não deixa um lugar vazio, nem no parlamento, nem no fôro, nem na academia. Deixa a saudade no coração dos amigos e são-no aos grandes homens a nação em peso: ou devem sê-lo, pelo menos. Deixa a desoladora tristeza nos que vêm sumir-se um apôz outro os heróes da geração de nossos paes, sem encontrarem nos filhos nenhum capaz de vir a medir-se com elles.

OLIVEIRA MARTINS.

## AS PLANTAS CARNIVORAS

Estas plantas existem no jardim botanico de Kew, em Londres. Fôram examinadas e estudadas pelo doutor Hooker, e pelo celebre philosopho naturalista Darwin. Ambos concluiram que quando uma mosca é colhida pela planta, é imediatamente dissolvida por fluidos digestivos, em tudo similhantes aos succos gastricos do nosso estomago, e que o mesmo acontece com um pedaço de carne; enquanto que uma substancia mineral collocada sobre uma das folhas da planta não é absorvida. N'isso consiste a singularidade do phenomeno. Estas plantas são carnívoras. Devoram e digerem qualquer substancia animal, e são absolutamente inertes para qualquer corpo mineral ou vegetal. Experimentaram

collocar um bocado de cal humida sobre a penugem que cobria uma das folhas. A planta contraiu-se, mas logo se abriu, regeitando-a. Estas experiencias provaram tambem que a contracção da folha era rigorosamente similar à contracção de um musculo, de modo que, segundo a explicação do doutor Hooker, não fica só provado que a digestão da planta é como a dos animaes, mas que tem um sistema nervoso, e que de facto constitue mais um éllo na serie da natureza.

Os nossos leitores poderão facilmente observar na gravura, que estas plantas são munidas de diferentes apparelhos ou redes com os quaes prendem os imprevidentes insectos de que vivem. A *Sarracenia*, a planta maior que está no lado esquerdo da pagina, a *Nepenthes*, no centro, e a *Cephalotus*, que fica no lugar immediatamente inferior, tem uma especie de tampa que se fecha sobre as victimas. A *Darlingtonia*, que se vê á direita, enrola-as nas folhas; a *Pinguicula*, em baixo no lado direito, comprime-se e enrola as folhas; a *Dionaea*, á esquerda debaixo da *Sarracenia*, tambem se fecha sobre o insecto; e a *Drosera*, no canto do lado esquerdo, tem muitos fios terminados por pequenos botões com os quaes alcança e segura a preza.

## UM PIC-NIC NA RUSSIA

A scena passa-se nos arredores de Moscow. Quarenta e seis pessoas pertencentes á melhor sociedade da Russia resolvem ir passar a noite a uma propriedade fôra da cidade. A distancia é de 40 kilômetros, que os cavallos percorrem em menos de hora e meia. Cada *troika* leva quatro pessoas e é puchado ou antes arrebatado por trez cavallos.

É no mez de Janeiro. Arvores, montes e valles estão cobertos de neve. O thermometro marca 25 graus abaixo de zero. A lua em todo o seu esplendor, dá ás arvores o aspecto de cachos de neve cravejados de diamantes. O efecto é bellissimo. Entre aquellas quarenta e seis pessoas não ha uma só tia, mãe ou avô. Tudo é juventude e alegria. Os corações correm como os cavallos. É bom a gente divertir-se, mas tambem é bom exprimir os seus sentimentos, ainda quando seja necessário manifestalos a toda a brida, para não perder a occasião.

## VIDAGO

É uma aldeia bonita onde se vae beber agua. Ha já muito tempo que são famosas as aguas mineraes do Concelho de Chaves: trez fontes rivalisavam em importancia, a de Caldas de Chaves, a de Vidago, e a de Villarello da Raia, todas trez alcalinas gazosas. Diz-se que no tempo dos Romanos houvera por alli um estabelecimento de banhos, e ainda por lá param lapides do tempo de Trajano. De Vidago sabia-se apenas ser um logarejo da freguezia de Arcosso, a qual comprehende tambem as Quintas do Outeiro, da Veiga, das Terças, dos Couces, do Torrão, e de Val de Joanne. Hoje correm para alli os ricos que não digerem bem, os pobres a quem dóe o figado, os *toristas* nomados a quem o luxo de saude torna ás vezes enfermos, e os que levam os annos entre ais e queixas, para que não minta o proverbio de *homem doente homem para sempre*.

Vão já para alli os elegantes: — é elegante ser um pouco doente; é de mau tom uma saude impermeavel como as galochas de gutta-percha; — os politicos cansados da camara, dos jornaes, ou do club do seu partido: os negociantes, fartos das crises da praça: os janotas, os dandys, os conquistadores — tanto é verdade que as

serpentes teem lugar na therapeutica como na mythologia! — e os ministros, e o rei! Sim; o rei; e pôde dizer-se que os sete reis destronados do Candido de Voltaire não causaram maior maravilha na hospedaria de Veneza, do que um principe reinante em Vidago!...

A proporção que a fortuna a tem basejado, tem ido tirando partido aquella aldeia das belzezas da natureza, e a pouco e pouco, se lhe vae tornando de maior formosura a graça pittoresca. Ha de, dentro em pouco, ter grutas, kiosques, eirados, *chalets*; ha de até, e principalmente, ter um cão como Alcibiade, e cortar-lhe o rabo todos os annos, — isto é, ha de appresentar cada anno uma surpreza á colonia que alli fôr provar-lhe as aguas: bailes, fogos de vista, illuminação dos montes, representações theatraes, concertos.

Ainda agora começa a voga d'esta peregrinação. Está-se na symphonia apenas. Decerto, quem quizer divertir-se e ver mundo preferirá ir a Vichy ou ás aguas de Álemanha, basta para isso o movimento e concurso animado de visitadores e de *toristas*, e o serem sitios de feição multiplice, indefinivel, com seu quê de hospital, jardim e phalanstério, barulhada original, desordem elegante, meio bohemia, meio fidalgua, especie de carnaval de verão!

Vidago tem um defeito... A temperatura das suas aguas regula por 23 a 24 graus centigrados, sendo a atmosphera de onze graus: em proporção do consumo vae augmentando sempre a abertura de novos mananciaes: a exportação para o Brazil eleva-se a mas de trezentas mil garrafas por anno, e ha muitos pedidos para Hespanha e para Inglaterra: mas tem um defeito, Vidago, um grande defeito, — não ser preciso o ser rico para lá ir passar um mez. Por maiores larguezas de nababo a que um homem se entregue ha de ser-lhe difficult gastar mais de meia libra por dia. É tudo sereno, e pacato. Passar, conversar e melhorar, sem bulha nem ostentação. Tudo sinceridade. Travar relações amigaveis, espontaneas, expansivas, destinadas unicamente já se vê a durarem uma estação, e parecendo por isso mesmo terem maior pressa de percorrer n'esse curto espaço todos os graus do sentimento; o que chegou hontem, e o que chega hoje, serem amigos amanhã: Pylades de um dia, que, d'alli a tempos, esquecendo aquella superfluidade de affecto, fiquem em duvida quando se avistarem se já se viram ou não alguma vez. Entre as senhoras, maior intimidade ainda: e passados aquelles dias, ao separarem-se, lagrimas, abraços, adeus, e ha de escrever-me, e não se esqueça, e veremos isso, e até sempre!

Como se vae até lá?

Até ao Porto no caminho de ferro: depois em diligencia ou na malla posta por Penafiel, Amarante, Villa Real, Villa Pouca de Aguiar: fazendo a viagem seguida, e n'esse caso ceando em Amarante, almoçando em Villa Real, e indo jantar a Vidago, ou dividindo-a, e ficando em qualquer d'esses pontos, ou na hospedaria de Casas que tem crédito.

Uma vez em Vidago ha muitas casas que recebem hóspedes; casas de aldeia, pittorescas, que dão ao caso um tom de aventura campestre, a casa das Aurélias por exemplo, — assim se diz na ausencia as Sras. Aurélias, minhas senhoras, mui citadas.

Tem o hotel grande numero de quartos, sala de jantar de vastas proporções, sala de recepção, sala de bilhar e um gabinete reservado para ler

os jornaes, folhear os *keepsakes*, escrever cartas e estudar a lição de piano.

A hospedaria é cercada de jardins. A salla de jantar e a salla de recepção, contiguas, são divididas ao centro por um grande arco, com porta de correr, que dão lugar a que forme um sallão para baile.

A empreza contractou com a camara de Chaves, por cincuenta annos, explorar aquellas aguas, começando a funcionar em 1871. Foi feito o contracto com o conselheiro José Pedro Antonio Nogueira, e Augusto Cesar Falcão da Fonseca, associados depois com Miguel Augusto Carvalho, que está em Vidago gerindo a empreza.

A natureza deu para alli o que pôde, a arte tem feito já o que tem podido, a historia não deu nada. Não ha contos de fadas d'aquelles montes, não fallam echos, não se ouve o minimo murmurio de fabulas n'aquelles sitios. Costumam as lendas ser um dos encantos das terras d'aguas. Bade por exemplo e sobretodas, Bade, onde uma pessoa não se volta para um lado ou para outro, que lhe não contem logo alguma historia e não oíça cantar alguma trova, que diga respeito áquelles lugares. Só do Castello d'Eberstein ha lendas ás duzias; e uma canção de Uhland engracadiSSima e de uma maganice que nunca mais esquece; diz assim :

— Vae uma balburdia alegre e doida em Spira, no sallão grande; volteiam os pares, dançando, á luz de mil archotes. Rompeu o baile o Conde d'Eberstein valsando com a filha do Imperador, e, enquanto elle vae baloiçando a formosa na aéria dansa, murmura-lhe ella ao ouvido um segredo que lhe está a fazer pezo callar.

— Conde d'Eberstein, tenha cautella, que o seu castello corre grande risco esta noite...

— Ah! meu bem amado soberano,—pensa o Conde—ahi está o motivo porque tu me convidaste para o baile!

E, sem mais nada, partindo com a sua gente, bagagens e tudo atraç de si, corre ao castello em perigo.

Formigam soldados sob as muralhas d'Eberstein, e esgueiram-se no nevoeiro, trepando por escadas de cordas. O conde sauda-os do melhor feitio, atira-os lá de cima das muralhas para irem caír nos fósseos. Chega o Imperador ao romper d'alva deitando contas a que já estivesse tomada a fortaleza, e vê o senhor e os seus homens d'armas a valsarem.

— Meu bem amado soberano, torne outra vez a assaltar castellos, se assim fôr do seu agrado, mas no baile faz melhor figura. O que vale é ter uma filha que dansa com tal primôr, que sempre para ella hão de estar abertas as minhas portas!

E ouve-se no castello do Conde uma baburdia alegre. Dansam os convidados á luz de mil archotes. Eberstein rompe o baile com a encantadora filha do Imperador, e, enquanto a baloiça n'aquella valsa imperial, murmura aos ouvidos da sua noiva:

— Cuidado, meiga donzelliinha, corre perigo esta noite uma linda fortaleza!

Em Vidago nenhuma lenda. Quasi nem tem historia aquellas aguas. Apenas se pôde apurar que fôram descobertas casualmente por uma dama d'aquelle sitio, D. Julia Vaz de Araujo. É bom, mas pouco romantico. Para casos d'estes, onde não ha lenda — compõe-se. É tempo já de ir inventando um pastor qualquer, que

perdesse uma vacca magra e doente e fôsse d'alli a pouco encontral-a nédia e sadia vendo-a beber no sitio em que brotam aquellas aguas...

São muito conhecidas já em Portugal, de vista pelo menos, as famosas garrafinhas Vidago, de bocal prateado, a embrulharem-se todas nos letreiros como uma banhista no lençol. Pelos modos não é indispensável ser horrorosamente doente para tomar essa agua, e mesmo sem o pretexto de uma colica hepatica é permitido a uma pessoa beber-a com vinho agradavelmente, vinho branco sobretudo, e recrear-se não só com o sabor que fica excellente, mas com o ver o copo a encher-se de bolhas, e, em se agitando o liquido com uma côdea de pão, a espuma a levantar-se como Champagne, e aquelles milhares de perolas, que parecem animadas, a subrem, como as idéas impacientes que se agitam no cerebro com pressa de irromperem todas ao mesmo tempo!

Um copo de agua de Vidago, a tempo, está hoje disputando á morte qualquer homem. Tudo está em que elle saiba parar em occasião propicia na estrada aventureira da vida alegre, e, chegada a hora, em vez de ir para o Chiado, para as noites dos *Recreios*, para a espera dos toiros, para as ceias, para as noites em branco... e ás vezes em *tinto*, ter juizo, e ir para Vidago! Beber aos quarenta annos, durante um mez em cada verão, oito ou dez garrafas de agua de Vidago, é a combinação por excellencia de um sistema completo de medicina e de philosophia. A agua de Vidago consola o fígado e serena as paixões. Se o pastor Páris a houvesse tomado em justa proporção, não haveria roubado a loira Helena, nem se teria dado o cerco de Troya: Lucrecia não se haveria apunhalado, Catão o heróe não teria dado cabo de si, se Vidago fôsse já conhecido!

A reputação d'estas aguas tem-se feito sem *reclames*; formou-a a analyse do doutor Lourenço, pela auctoridade das suas decisões, e formaram-a principalmente os doentes que tem de lá voltado livres ou alliviados das enfermidades que os moiam. Alguins até, doentes caseiros, gente que entretém o seu mal com o receber visitas para o chá ou ir conversar para o Gremio, se temia em não se mecher logo que se lhes falle de respirar outro ar que não seja o de Lisboa, tem com o uso d'estas aguas de portas a dentro, engrandecido a um tempo a fama d'ellas e a pachorra propria.

Vidago marca para Portugal um grande passo de adiantamento, qual é o de dispensar os portuguezes, gente de pouco dinheiro e pouca resolução, de irem fazer uma longa viagem para obterem os mesmos benefícios que pôdem encontrar tão perto. Esta é a grande vantagem e o maior louvôr que deve dar-se a Vidago. No mais convém mesmo a Vidago que não se falle em Vichy; ha um mundo entre elles: as aguas podem por igual ser boas, os sitios e a gente não supportam comparação. Vidago é a vida rustica; mulheres a fiarem nas roças, trabalhadores a cavarem, crianças a dormirem ao canto das casas guardadas pelo gato acocorado ao lado d'ellas e a dormir tambem; Daphnis guardando o rebanho, Menelaus e Tityre queixando-se do fígado e dos rins e tomado por arbitro da sua lucta buccolica o Sr. Barros e Cunha, que foi poeta em tempos: uma bonhomia idyllica a dois mil reis por dia na hospedaria, com a regalia de se poder ver o rei beber agua.

JULIO CESAR MACHADO.

## O BOTICARIO DA IDADE-MÉDIA

Este boticario não é tão façanudo e perigoso como o que Shakespeare descreve no « Romeo e Julietta ». Pelo contrario, compõe philtros para honra da sciencia, de que é sectario. Cultiva-a com ardor, e só com o nobre fim de fazer descobertas que prolonguem a vida humana. É conscientio no que faz, e ainda que não revele o segredo das suas composições, com tudo não haja receio que venda uma droga por outra. Ninguem no seu tempo teve mais do que elle a pretensão do saber universal. Só elle possue o segredo da vida e da morte. Vive retirado do mundo e das suas vaidades, d'esse mundo ignorante e futile, d'esse mundo em que se não combinam os simples para formar compostos, d'esse mundo que não possue a sciencia de laboratorio, d'esse mundo que imagina que é boticario quem quer, sem se lembrar que só a poucos fôr dado possuir os arcâmos da natureza. Por isso elle o despreza, e só ama o trabalho.

Se, porém, no meio d'esta labutaçao para possuir a arvore do bem e do mal, alguém lhe bater á porta com uma bolsa bem recheiada, propondo-lhe a manipulação d'um philtro, que sirva d'ablativo de viagem para o outro mundo á pessoa que tenha a desgraça de o tragá, podem ter a certeza que o fará, e que apezar de que detesta o mundo, essa pessoa não sofrerá muito para dar o salto fatal. De vivo passará a morto sem nunca estar moribundo. N'este laboratorio tudo se faz com consciencia e honradez. A sciencia não é uma palavra vã. A honestidade também não.

## A CARTA DO JOÃO SITO

João contava seis annos. Tinha as calças rasgadas em ambos os joelhos; os cabellos loiros e ondeados, tão espessos e abundantes, que se poderia com elles fazer dois penteados de senhora; uns olhos grandes, azuis, que tentavam ás vezes sorrir, com quanto tivessem já chorado tanto: uma jaquetinha muito bem feita, toda esfarrapada; uma botina de mulher no pé direito, um sapato de homem no pé esquerdo, ambos muito compridos, muito largos e muito rôtos, adiante com as biqueiras abertas, atraç sem tacões. Naquelle corpinho havia frio e fome, pois desde a vespera pela manhã que não comia e era uma tarde de inverno, quando lhe veio ao pensamento escrever uma carta á virgem Maria.

Cumpre agora dizer-lhes como é que o João-sito escreveu a carta, não sabendo ler nem escrever.

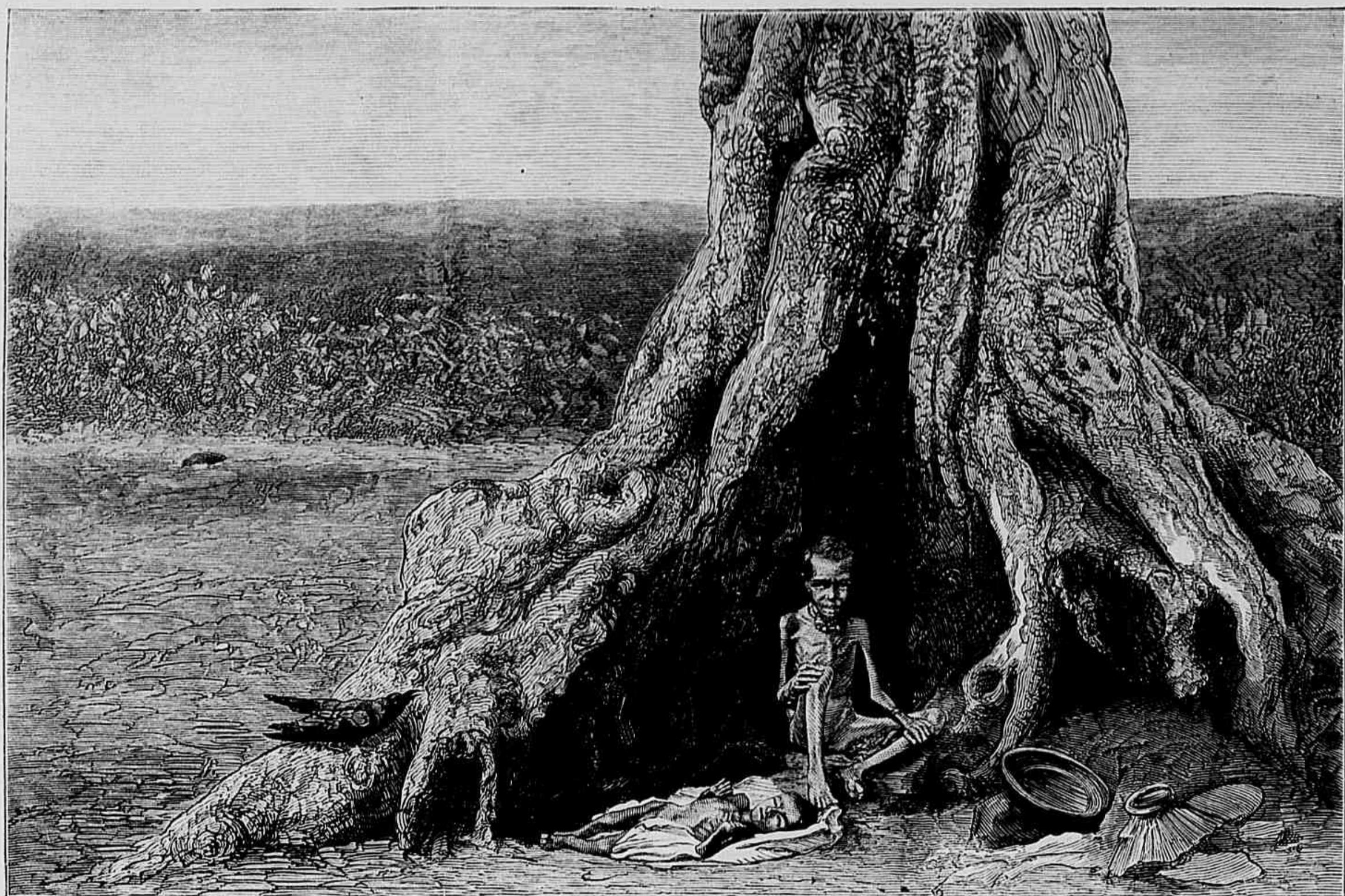
Em Paris, no bairro do *Gros-Caillou*, à esquina d'uma rua, perto da esplanada dos Invalidos, havia uma barraca de «escrivão publico». N'esta especie de secretaria é costume fazer-se toda a qualidade de supplicas, memoriaes e requerimentos, quer os governos se componham de um rei, de um imperador ou de um presidente. N'estas repartições não ha prejuízos políticos. O «redactor» era um velho soldado de mão humor, bom homem, não tendo nada de beato nem de rico, e que tinha tido a desgraça de não ficar bastante estropiado para ser admitido no Palacio dos Invalidos.

O João-sito não fez mais do que isto: viu-o atravez dos vidros empoeirados da barraca a fumar no cachimbo á espera dos freguezes. Entrou e disse:

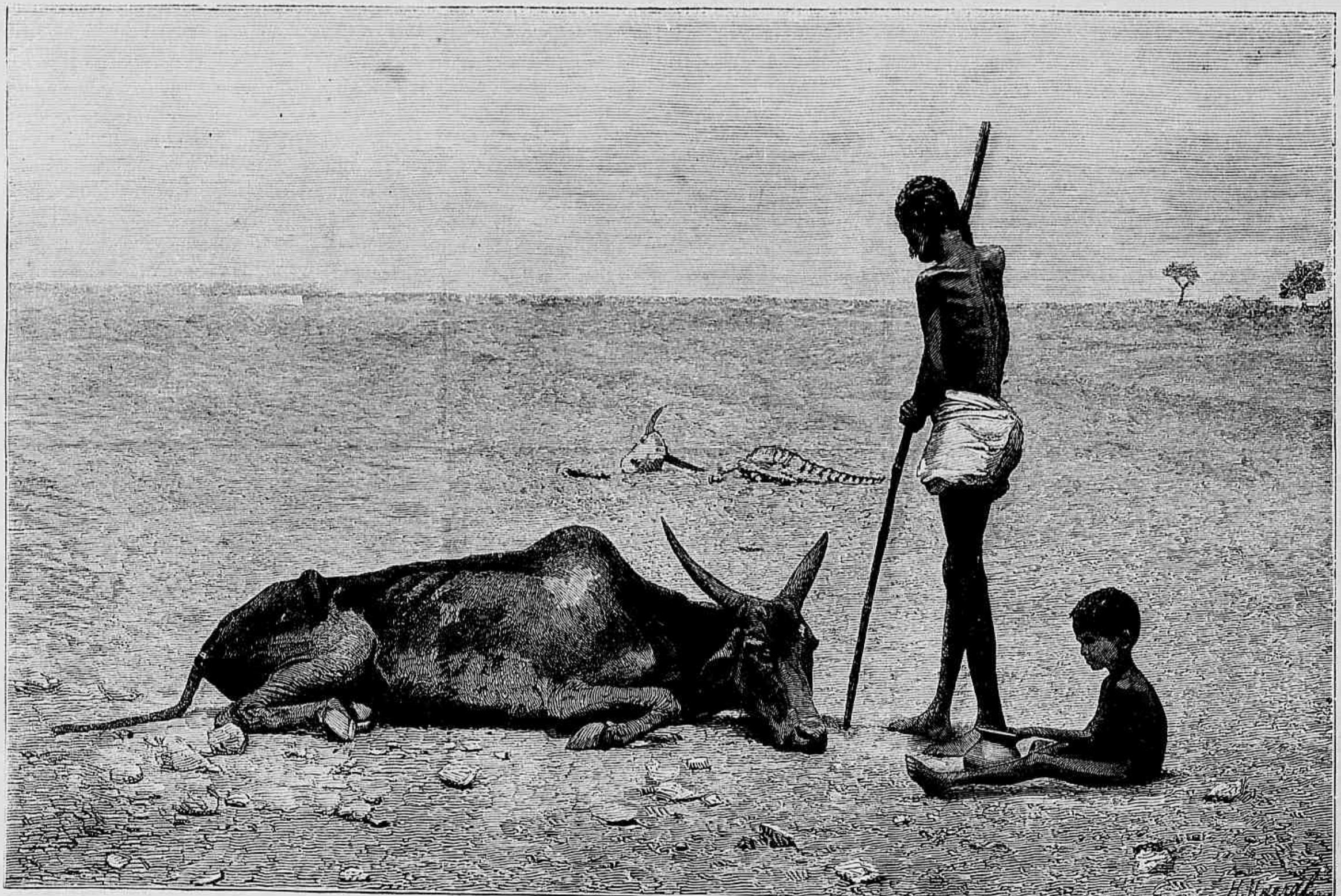
— Bons dias, venho cá para escrever uma carta.

— Custa meio franco, respondeu o tio Buan.

É preciso saber-se que este bravo, que continha em si a centésima millésima parte da gloria d'um marechal da França, chamava-se o tio



ABANDONADOS

O ULTIMO BOI DA MANADA  
A FOME NA INDIA



DO LADO DOS RUSSOS : UMA FAMILIA BULGARA ESPERANDO O RESULTADO DA BATALHA DE PLEVNA



DO LADO DOS TURCOS : SENTINELLAS NOCTURNAS EM CHIPKA

GUERRA DO ORIENTE

Buan. O Joãosito com não tinha boné, não o pôde tirar, mas disse com delicadeza :

— Então, desculpe.

E abriu a porta para se ir embora, mas o tio Buan engracou com elle e perguntou-lhe :

— És filho de militar, rapazito?

— Nada, respondeu Joãosito, sou filho da mamã, que ficou só.

— Está bom, proseguiu o escrivão, isso já eu sabia! E não tens meio franco?

— Nada não, não tenho dinheiro nenhum.

— A tua mãe também não? Está claro: queres uma carta para ver se te dão alguma coisa para comer, não é assim, petiz?

— É tal e qual, respondeu João, exactamente!

— Approxima-te. Por escrever dez linhas e por causa d'uma folha de papel, nem por isso ficarei mais pobre.

João obedeceu. O tio Buan endireitou o papel, molhou a pena no tinteiro, e, com uma bonita letra de quartel-mestre, escreveu : « Paris, 17 de janeiro de 1857. »

Depois, mais abaixo, n'outra linha :

« Senhor... » Como se chama elle, bibi?

— Quem? perguntou João.

— Ora, quem? o tal sujeito.

— Qual sujeito?

— O tal a quem queres pedir.

João d'esta vez comprehendeu, e respondeu :

— Não é um sujeito.

— Bom!... então, é uma senhora?

— É... nada, não é... eu lhe digo...

— Cô a breca! pois tu não sabes sequer a quem queres escrever?

— Ah! sei! disse a criança.

— Então avia-te, dize lá.

O Joãosito estava muito côrado! É verdade, que não é lá muito agradável dirigir-se a gente a um escrivão publico, para uma correspondencia d'estas. Encheu-se todo de coragem e disse :

— É à Virgem Santíssima que eu quero mandar uma carta.

O tio Buan não rio. Pôz a pena em cima da mesa e tirou o cachimbo da boca.

— Ó garoto, disse com severidade, não posso crer que se te metta na cabeça zombares d'um velho. Ainda és muito pequeno, para que eu te bata. Toca, meia volta à direita! Trata de te pôres ao fresco.

O Joãosito obedeceu e voltou-se para a porta; mas, ao vél-o tão docil, o tio Buan mudou de tenção pela segunda vez, e pôz-se a olhar para elle.

— Com mil demônios! Muita miseria ha n'este Paris!... como te chamas tu, pequeno?

— João.

— João, e que mais?

— Mais nada.

O tio Buan sentio humedecerem-se-lhe os olhos, mas encolheu os hombros.

— E que queres tu dizer á tal Virgem Santíssima?

— Quero dizer-lhe que a mamã está a dormir desde hontem á tarde, ás quatro horas, e que me faça o favor de accordar, porque eu não posso.

O velho soldado sentio apertar-se-lhe o coração, e receiou comprehender. Apezar d'isso continuou a perguntar.

— Porque fallavas tu em comer, ha pouco?

— Já se vê, respondeu a criança, é porque é

preciso. A mamã tinha-me dado o ultimo bocado de pão antes de adormecer.

— E ella? o que comeu?

— Havia já dois dias que dizia: « Não tenho fome. »

— Como fizeste para a accordar?

— Como faço sempre, beijei-a.

— Respirava?

João sorriu. O sorriso tornava-o lindo.

— Eu cá não sei: então a gente não respira sempre?

O tio Buan voltou a cara. Duas grossas lagrimas lhe cairam pelas faces. Não respondeu á pergunta do pequeno, e disse-lhe com a voz um pouco tremula:

— Quando a beijaste, não notaste nada?

— Notei... Estava fria. Faz tanto frio lá em casa!

— E ella tremia, não é assim?

— Nada, não... Estava linda, linda! as mãos não mechiam, estavam cruzadas sobre o peito, e tão brancas! tinha a cabeça toda deitada para traz, fóra do travesseiro quasi, de modo que, com os olhos meio fechados, parecia estar a olhar para o céo.

O tio Buan meditava:

— Tenho invejado os ricos, eu, que tenho tido que comer e que beber... E esta morreu de fome!... de fome!

Chamou a si a criança; sentou-a no colo e disse-lhe com muita doçura :

— A tua carta, meu pequeno, já está escripta, enviada e recebida. Léva-me a tua casa.

— Levo, levo, mas porque é que está a chorar? perguntou João admirado.

— Eu não estou a chorar, respondeu o velho soldado, abraçando o pequeno quanto podia e inundando-o de lágrimas: então um homem chora lá!... Tu é que vás chorar, Joãosito, querido pequeno!... Amo-te mais do que se fosse teu pae! não sei como é isto... Olha cá! eu também tinha mãe... Ha já muito tempo, com certeza! parece-me estar a vél-a, deitada na cama, a dizer-me quando parti: « Buan, sê honrado e bom christão. » A imagem da Virgem que alli estava presente, parecia sorrir-se; eu amava aquella imagem, dir-se-lhia que acaba de me entrar no coração. Quanto a ser honrado, tenho-o sido, mas lá bom christão, isso...

Levantou-se, conservando sempre a criança nos braços e acrescentou como se fallasse com alguém que não estava alli :

— Mãe, minha boa mãe, deves estar satisfeita. Os amigos podem zombar se quizerem. Quero ir aonde tu estás, levar-te o pequeno, pobre anjo, que nunca mais largarei, porque a tal carta, que nem sequer chegou a escrever-se, nem por isso deixou de produzir dobrado efeito: a elle deu-lhe um pae e a mim um coração.

PAULO FÉVAL.

### A FOME NA ÍNDIA

#### ABANDONADOS

Abandonados! Entregues ao mais desgraçado e cruel destino! Condenados pela sorte a morrer de fome! O pobre irmãozito não pôde resistir por mais tempo. Quando já não tinham forças acolheram-se no topo d'aquella arvore, e alli succumbio o mais novo. Um é já cadáver, o outro é um esqueleto ainda vivo. Que suprema angústia! O corvo está alli prestes a lançar-se, e já o teria feito se não visse que o cadáver que jaz no chão, ainda tem

outro corpo também quasi cadáver, que o defende. Aquelle corpo ainda encerra uma alma, mas a existencia d'essa alma, só se revela n'aquelle olhar pregado no horizonte da dor infinita. Ha já tanto tempo que espera, as agonias tem sido tão cruciantes, que inconscientemente, vagamente, sente que só com a morte cessarão as afflícções. Cumpra-se o destino.

Apezar dos immensos soccoros e da extraordinaria actividade desenvolvida pelo governo inglez n'esta conjunctura, o numero dos mortos directa ou indirectamente em consequencia da fome, registrados ate ao fim de junho, era de 750.000.

A commissão de soccorros (Relief Fund) tem prestado eminentes serviços e salvo da morte um grande numero de victimas. Tem sido milagrosos os efeitos d'esta caritativa associação. A força de cuidados, tem conseguido pôr de pé muitos esqueletos, apenas cobertos por uma pelle macilenta, disputando-os á morte.

As crianças cujo olhar é pesado e amortecido, e que parecem estar sob a influencia d'algum narcotico, morrem geralmente; em quanto que aquellas que conservam uma certa viveza sob aquella misera apparencia de esqueletos vivos, recuperam a vida. Na maioria dos casos, logo que as forças se renovam, caem-lhes o cabello.

#### O ÚLTIMO BOI DA MANADA

Uma planicie árida, immensa, devorada pelos ardores d'um sol, que aumenta as torturas da fome. Ao fundo alguma rara arvore, desenhando o magro perfil no horizonte. Encostado a uma longa vara, um indio, contempla tristemente o ultimo boi da manada que o flagello acaba de abater.

Ao lado d'elle outra victimá, o filho, está sentado na areia, brincando sinistramente com uma gamella vazia.

No meio d'esta desolação, só se ouvem as aves de rapina que celebram com gritos de triumpho este horrendo e colossal banquete.

#### A GUERRA DO ORIENTE

#### DO LADO DOS RUSOS: UMA FAMÍLIA BULGARA ESPERANDO O RESULTADO DA BATALHA DE PLEVNA.

Aquella desgraçada familia de Bulgares apenas teve tempo para fugir e homisir-se n'uma estalagem ao pé de Plevna. Sem forças para irem mais longe, alli esperam, extenuados, a decisão da sorte. Uma das mulheres está bebendo agua por uma bilha de barro cuja forma é muito vulgar na Bulgaria; a outra está prostrada no chão; o homem consola as suas dôres fumando no seu inseparável cachimbo; e a pequenita, ainda muito criança para poder apreciar o perigo em que estão ella e os seus, olha atrevidamente pela janella, anciosa por perceber o que se passa lá forá.

#### DO LADO DOS TÚRCOS: SENTINELAS NOCTURNAS EM CHIPKA.

« O fio — escreve o correspondente do *Graphic* — começa a apparecer n'estas montanhas, e ouvem-se já pela noite adiante as rajadas de vento glacial resoarem estrondosamente por entre os carvalhos. Ante-hontem á noite pareceu-me ouvir gritar ás armas, e imediatamente corri até passar alem das sentinelas mais avançadas, procurando em vão signaes de conflicto. A final resolvi-me a voltar para traz, e foi então que reparei na immensa linha de sentinelas que rodeiam o acampamento, collocadas a vinte ou trinta metros umas das outras. Fazia tanto vento que pensei ficar gelado; mas ao ver aquelles pobres desgraçados parados ao vento e ao fio não pude deixar de considerar a minha posição infinitamente superior. Estas sentinelas tinham ouvido tiros a curta distancia, e o grito « Cossacos! » passou imediatamente de boca em boca ate chegar ao acampamento central. »

## REVISTA BIBLIOGRAPHICA

A poesia lyrical sob diversas formas continua a ser a litteratura predominante em Portugal. Nenhuma litteratura conta tantos poetas lyricos como a portuguesa, e o nosso tempo não renega neste ponto as tradições passadas. O pensamento transforma-se: os motivos da inspiração são diversos: as origens do sentimento poético, dimanam de procedencias novas, porque a natureza e a sociedade se mostram sob novos aspectos; mas a forma da concepção mantém-se inalterável. A revista do ultimo mês dá-nos mais uma prova.

*A Época.* É o título de um poemeto, do sr. Jayme Allegro, e uma satyra da sociedade contemporânea. O poeta com muitos outros, accusa a decadência moral do nosso tempo, comparando-a às peores recordações da historia. Esta comparação, digamo-lo, tem muito pouco de philosophica e de crítica. A accusação assim formulada, que defeza brilhante se poderia contrapor! época de transformação e de renovação! E não época de decadência! Ao lado de deploráveis aberrações, que grandezas épicas!

*A Fome no Ceará*, poemeto de Guerra Junqueiro. Editora, Empreza das Horas Românticas.

Esta poesia foi recitada no theatro de D. Maria, na noite do benefício das victimas do flagelo que assola aquella província do Brazil, e coihceu muitos aplausos.

No pequenino quadro traçado pelo poeta, ha o vigor de colorido com que elle sabe pintar a natureza em ação e permittam-nos a phrase, a paysagem animada, movendo-se e vivendo na tela.

*O Lyrismo Brazileiro* por José Antonio de Freitas. Editora, Empreza das Horas Românticas.

O author deste livro é um moço brasileiro, que seguiu os seus estudos em Lisboa, e que junta a muita applicação nas letras uma bella intelligencia e apreciaveis disposições críticas. Neste livro, o sr. Freitas procura pela comparação das fórmulas, as origens e as tendencias do lyrismo brasileiro; e este seu trabalho não será de certo infuscado para o prosseguimento dos estudos críticos sobre a litteratura brasileira.

*À morte de Alexandre Herculano*, poesia de Gomes Leal. Editora, Empreza das Horas Românticas.

É uma ode consagrada à morte do illustre historiador pelo conhecido poeta.

O sr. Gomes Leal junta ao seu provado talento poético, uma feição excentrica muito característica. Esta excentricidade é muitas vezes aceitável peta sua mesma estranheza: outras vezes, como na poesia aqui mencionada, essa excentricidade prejudica-o, porque sofre com ella o gosto literário. E o que dizemos não nos parece demasiada severidade.

*Traços g rars de philosophia positiva, comprovados pela descobertas científicas modernas.*

Publicou-se o 2º fasciculo deste novo trabalho do sr. Theophilo Braga.

*Portugal e os seus detractores.* Reflexões a propósito do livro de sr. Fernandez de los Rios, intitulado « Mi misión » por Luiz Augusto Palmeirim.

Como o indica claramente o título, é este um livro de controvérsia política.

O sr. Palmeirim que todos conhecem em Portugal como o poeta das canções populares, e como um distinto crítico da arte aparece-nos hoje neste livro como o publicista dos combates políticos, e como o paladino denodado da honra nacional.

Não tivemos ainda tempo de ler todo o livro, porque apenas hontem chegou ao nosso conhecimento; mas da leitura interrompida de muitos fragmentos deprehendemos que este livro era a defeza da política estrangeira do ministerio transacto, diplomaticamente velada pelas manifestações sentimentais do patriotismo ferido — sentimento muito sincero, e espontaneamente caloroso no sr. Palmeirim — e pelos recursos de uma eloquencia que se inspira n'uma paixão nobilissima como o amor da patria. Nesta controvérsia é portanto a paixão respondendo à paixão; e para que se possa fazer um juizo seguro e recto, conviria esperar que mais tarde e com maior serenidade de animo se examinasse e discutisse o assunto controvertido, que tem bastante interesse para a historia das relações diplomáticas dos dois países da península.

João TEDESCHI.

## VARIEDADES

## AS GALLERIAS CENTRAIS DO PALACIO DA EXPOSIÇÃO.

— Segundo os planos adoptados, as gallerias lateraes destinadas ás bellas-arts não serão construídas todas pelo mesmo modelo.

A primeira, será de ferro e coberta como todas as outras; a segunda, a da direita, será desoberta, contendo, em cada secção especial dos diferentes países expositores, um edifício construído segundo o estylo e a architectura especial da nação a que pertencer.

Haverá alli a estudar typos muito curiosos de construção, desde o pagode de pedra, da India, até á casa feita de troncos de pinheiro, do norte da Norvegia; desde as mesquitas árabes e os chalets suíssos, até ás casas chinezas de porcelana. Os moveis e os objectos de utilidade domestica de cada nação também alli se acharão reunidos, de modo que se poderá fazer uma idéa dos costumes e da civilisação de cada uma d'essas nacionalidades.

É esse um dos progressos das exposições modernas: servem, ao mesmo tempo, de estímulo ao commercio e de ensinamento geographico ao alcance de todos.

A Inglaterra está construindo uma casa n'esta secção, conformando-se em tudo ás regras essenciais da construção britannica.

O numero dos operarios, actualmente empregados em todos estes trabalhos, é de 2,140.

A ESTATÍSTICA DO DIVORCIO. — A estatística do divorcio, nos países onde é admitido pela legislação, dão os seguintes algarismos para o anno de 1876.

Na Suissa, houve 1,102 divorcios e 190 separações. (A separação é o primeiro degrau do divorcio; é um divisorio em expectativa.)

105 pedidos foram considerados improcedentes.

A média, em toda a Suissa, é de 5 divorcios por 100 casamentos.

2. Cada canto separado: no de Schaffhouse, nota-se 14 %; no de Glaris, 14; no de Zurich, 8,87; no de Thurgovie, 8,9; no de S. Gall, 7,16 e no de Berne 5,14.

Bade, o Wurtemberg, a Holland e a Suecia, apresentam apenas 1 %; a Belgica 2 % e a Saxonia, um pouco mais de 2 %...

Enterrou-se um d'estes dias em Paris uma senhora chamada Guillermot. O marido tinha morrido seis annos entes.

Em 1850 a senhora Guillermot era vendedora de hortaliças, e andava pelas ruas apregoando couves e nabos. O marido era carroceiro. Conseguiram, á força de trabalho e economia, juntar umas sessenta libras, e com elles compraram uns terrenos incultos nos arredores de Paris. Cinco annos depois venderam estes terrenos por 58,000 francos, e compraram outros nas mesmas condições, nos boulevards exteriores de Paris. O valor d'estes terrenos tem augmentado extraordinariamente ha vinte e cinco annos para cá. Por este modo o antigo carroceiro e a antiga vendedora de hortaliças chegaram a possuir cinco ou seis milhões.

Por aqui se vê que não ha coisa melhor do que vender hortaliças, comitanto que se mude de officio a tempo.

Calino é um personagem que aparece em toda a parte, que existe em todos os países, e que o leitor conhece, sem duvida. Em França tem esse nome. Um d'estes dias aconteceu-lhe o seguinte:

Calino mudou de casa. Na vespera da installação, o novo proprietário fez-lhe uma prédica. Disse-lhe que não gostava d'inquilinos que fizessem bulha na escada, passada certa hora. Que elle era uma pessoa doente e que lhe recomendava todo o cuidado quando recolhesse, tanto mais que dormia no andar immediatamente inferior. Calino tranquillissou-o, promettendo-lhe tudo o que elle quis.

Na primeira noite, ao recolher-se, subiu pé-ante-pé com receio de incomodar o senhorio. Chega á porta, abre-a, accende a luz, e depois com o maior cuidado desce a escada e põe no patamar do vizinho proprietário. Toca a campainha de mansinho. Não respondem. Toca mais forte. A final, ouve-se uma voz rouquenha.

— Quem está ahi?

— Sou eu vizinho. Venho perguntar-lhe se está contente comigo, se fiz bulha quando subi.

\* \*

Um bebado saí d'uma taberna sem poder dar um passo. Afinal cai. Depois de mil esforços consegue pôr-se em pé, para tornar a cair outra vez. Por mais diligencias que faça não pôde levantar-se. Para se animar, dirige a si proprio este discurso:

— Coragem... vamos... vá acima... isto não é nada... em dando mais meia duzia de passos, descansas... alli abaixou ha outra taberna.

Proprietário-Gérant : SALOMON SARAGGA.

Paris. — Typ. Tolmer et Editeur Joseph. r. du Pour-Saint-Germain, 43.

Entra de la maison Prudon et C°, à Ivry-Paris.

## PUBLICAÇÕES RECENTES

## O LYRISMO BRAZILEIRO

Por JOSÉ ANTONIO DE FREITAS

I Volume . . . . . 500 réis fortes

## A FOME NO CEARÁ

Poesia de GUERRA JUNQUEIRO

Preço . . . . . 100 réis fortes

## A MORTE DE ALEXANDRE HERCULANO

Poesia de GOMES LEAL

Preço . . . . . 100 réis fortes

# GUERLAIN DE PARIS

15, Rue de la Paix, 15

## Perfumeria de Luxo.—Artigos Recomendados.

AGUA DE COLOGNE IMPERIALE.—SAPOCETI, Sabonete de toucador.—Creme Saponina (AMBROSIAL-CREAM) para a barba.—CRÈME de FRAISES para amaciar a pele.—Pós de CYPRISS para branquear a cutis.—STILBOIDE Cristallizado para o cabello e barba.—AGUA ATHÉNIENNE e Agua LUSTRALE para perfumar e limpar a cabeca.—SHORE'S CAPRICE, PERFUME DE FRANÇA.—FLORES NOVAS para o lenço.—Agua de CÉDRATE e Agua de CHYPRE para o toucador.

PAPEL RIGOLLOT  
OU  
MOSTARDA EM FOLHAS PARA  
SINAPISMO.

Medalha de Prata  
Havre, 1868

MEDALHA DE OURO  
Lyon, 1872

MEDALHA DE PRATA  
Paris, 1872

Diploma Honorifico

EXPOSIÇÃO MARITIMA, PARIS, 1875  
Adoptado pelos hospitais de Paris, pelas ambulancias e hospitais militares, pela marinha nacional francesa e pela marinha real ingleza, etc., etc.

Conservar a mostarda todas as suas propriedades, obter em poucos instantes com a menor quantidade de medicamento possível um efeito decisivo, eis os problemas resolvidos pelo sr. RIGOLLOT, com o mais feliz resultado. (A). Bouchardat. *Anuario de Therapeutica*, 1868.

### AVISO IMPORTANTE

Devemos aconselhar aos nossos fregueses que se acantelem contra o papel que se lhes apresentar como podendo substituir o papel Rigolot para sinapismos. O nosso papel é o único adoptado pelos hospitais civis, e militares e a bordo dos navios do Estado. É além disto o único premiado nas exposições universaes, tendo obtido varias medalhas de prata e uma de ouro e recentemente um diploma honorifico.

Por conseguinte, todo o papel que não tiver a firma de Rigolot deve ser rejeitado como falsificado.

N. B. — As nossas caixas são envolvidas por uma tira de papel amarelo, que traz a firma do inventor.

Exija-se esta firma — F. Rigolot.

Ha falsificadores.

Paris. 24, Avenue Victoria, 24. Paris.

Depósitos: No Rio de Janeiro, Du Ponchelle, em Pernambuco, Maurese e Cia

## FERRO BRAVAIS

(FERRO DIALYSADO BRAVAIS)  
Ferro líquido em gotas concentradas

UNICO

ISENTO DE ACIDO

Sem cheiro nem sabor  
« Com este ferro dizem todas as sumidades medicas da França e da Europa, nem diarréas, nem cansaço de estomago; além destas vantagens, tem a de não enegrecer os dentes. »

UNICO ADOPTADO EM TODOS OS HOSPITAIS

3 medalhas nas Exposições, cura radicalmente ANEMIA, CHLOROSE, DEBILIDADE, ESFALFAMENTO, NEVRALGIAS, FRAQUEZA DAS BRIANÇAS, ETC.

É o mais económico dos ferruginosos, pois um frasco dura mais d'un mês.

B. BRAVAIS et C° 13, rue Lafayette, Paris

E. EM QUASI TODAS AS PHARMACIAS

## PILULAS E XAROPE DE RÉBILLON

COM TORO DUPLO DE FERRO E QUINA

Eficacia certa na Chlorosis, Flores brancas, Supressão e desorden da menstruação, Doenças do peito, Dores de estomago, Gastralgia, Rachitismo, Escrofúlulas, Febres simples, Doenças nervosas.

É o único remedio que se deve empregar com exclusão de qualquer outra substancia.

Ver o folheto que acompanha cada frasco. Pharmacia REBILLON, 142, r. du Bac, Paris.

Depósito no Rio de Janeiro T. DU PONCHELLE e C° 102, rue de São Pedro.

## Dór de Dentes

As Gotas Japonezas de Mathay Caylus acalmam instantaneamente a Dór de Dentes a mais violenta e impedem a volta de novos accessos pela destruição da Caria.

O uso das Gotas Japonezas deve continuar-se até o dente doente ficar totalmente insensível para obter uma cura completa.

As Gotas Japonezas são d'um emprego facil e d'um uso muito agradável por causa do seu cheiro suave e aromático.

Venda por atacado em casa de CLIN e C°, 14, rua Racine, PARIS.

Venda por miúdo em casa dos principaes Pharmaceuticos e Drogistas.

## PHOTOGRAPHIE ÉTIENNE CARJAT ET C°

10, RUE NOTRE-DAME-DE-LORETTE, 10

AU REZ-DE-CHAUSSÉE AVEC JARDIN

Portraits, portraits-carteras, albums, peintures, dessins, émaux, reproduções artistiques et industrielles.

### MÉDAILLES :

LONDRES, 1861. — PARIS, 1863, 1864. — BERLIM, 1865.

EXPOSITION UNIVERSELLE, 1867.

Tous les portraits sont exécutés personnellement par M. ÉTIENNE CARJAT.

## Perfumeria de Luxo.—Artigos Recomendados.

AGUA DE COLOGNE IMPERIALE.—SAPOCETI, Sabonete de toucador.—Creme Saponina (AMBROSIAL-CREAM) para a barba.—CRÈME de FRAISES para amaciar a pele.—Pós de CYPRISS para branquear a cutis.—STILBOIDE Cristallizado para o cabello e barba.—AGUA ATHÉNIENNE e Agua LUSTRALE para perfumar e limpar a cabeca.—SHORE'S CAPRICE, PERFUME DE FRANÇA.—FLORES NOVAS para o lenço.—Agua de CÉDRATE e Agua de CHYPRE para o toucador.

## CONFEITOS FERRUGINOSOS E ELIXIR

Do Doutor RABUTEAU, premiado pelo Instituto de França.

Estes Remedios são receitados e recomendados pelos Professores da Faculdade de Medicina e os medicos dos Hospitais de Paris que certificaram a sua superioridade sobre todos os outros ferruginosos para o tratamento da Chlorosis, Anemia, Fluxo branco, Convalescência e Empobrecimento do sangue.

O confeitos e o Elixir do Doutor Rabuteau fortificam as pessoas enfraquecidas ou convalescentes, facilitam a menstruação das jovens e oferecem a immensa vantagem de serem tomados sem inconveniência pelos estomagos os mais debilitados sem nunca produzir Prisão de ventre.

Venda por atacado em casa de CLIN e Cia, 14, rua Racine, PARIS.

Venda por miúdo em casa dos principaes Pharmaceuticos e Drogistas.

## VELOUTINE Pó de Toucador

IMPALPABLE, ADHERENTE E INVISIVEL

Substituindo com vantagem o pó d'arroz e outras preparações.

Basta uma leve applicação para dar á pele a frescura e o avelludado da mocidade.

5 francos caixa completa com borla.  
4 — — — — sem borla.

A venda nas principaes lojas de perfumarias.

## CAPSULAS E CONFEITOS

Com bromureto de camphora

DO DOUTOR CLIN

premiado pela Faculdade de Medicina de Paris.

As Capsulas e confeitos do Dr. Clin empregam-se com o maior exito nas affecções nervosas em geral e sobretudo nas seguintes molestias: Hysteria, Asma, Doenças do coração e das vias respiratórias, Tosse nervosa, Espasmos, Coqueluxa (tosse convulsa), Insomia, Epilepsia, Palpitações nervosas, Dansa de S. Guy, Paralysia agitante, Contracções nervosas, Nevroses em geral, Perturbações nervosas causadas por Estudos excessivos, Doenças cerebrais ou mentais, Delirium tremens, Convulsões, Vertigens, Atordoados, Hallucinações e excitações de qualquer natureza que sejam.

Cautela contra as falsificações e exigir sobre cada letreiro o nome e a firma do Dr. Clin.

Venda por atacado em casa de CLIN e Cia, 14, rua Racine, 14, PARIS.

Venda por miúdo em casa dos principaes Pharmaceuticos e Drogistas.

## AGUA do Doutor A. HOLTZ

PARA

## TINGIR o CABELLO

Composta exclusivamente de principios vegetaes, a Agua do Doutor Holtz não apresenta nenhum dos inconvenientes que se encontram em quasi todas as tinturas d'este gênero. Dá ao cabello uma cor natural, destroa a caspa e conserva o casco n'um estado de limpeza constante.

A Agua do Doutor Holtz é não só um excellente artigo de toucador, mas também um tonico perfeito.

Cada frasco é acompanhado d'um prospecto revestido, bem como os rotulos, da assignatura do Doutor A. Holtz.

Depósito geral en Paris: V. HOLTZ, 12, rua Papillon, 12.

Les abonnements et les annonces sont reçus

AUX BUREAUX DE LA

## CORRESPONDANCE PARISIENNE

14, Rue de la Grange-Batelière, 14